UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

AMANDA FARIAS CAVALCANTI

ENTRE FILTROS E LEMBRANÇAS: a coleção de “Inutilidades” e sua patrimonialização no Instagram

Recife
2024

AMANDA FARIAS CAVALCANTI

ENTRE FILTROS E LEMBRANÇAS: A Coleção de “Inutilidades” e Sua Patrimonialização no Instagram

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientador (a): Májory Karoline Fernandes de Oliveira Miranda

Recife

2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Cavalcanti, Amanda Farias.
Entre fintro e lembranças: a coleção de ?inutilidades? e sua patrimonialização no instagram / Amanda Farias Cavalcanti. - Recife, 2024.
59 p. : il., tab.

Orientador(a): Májory Karoline Fernandes de Oliveira Miranda
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Biblioteconomia, 2024.
Inclui referências.

1. memória social. 2. memorial individual. 3. instagram. 4. identidade social. 5. patrimônio digital. I. Miranda, Májory Karoline Fernandes de Oliveira. (Orientação). II. Título.

020 CDD (22.ed.)

Serviço Público Federal
Universidade Federal de Pernambuco
Centro de Artes e Comunicação
Departamento de Ciência da Informação

FOLHA DE APROVAÇÃO

ENTRE FILTROS E LEMBRANÇAS: A Coleção de “Inutilidades” e Sua Patrimonialização no Instagram

AMANDA FARIAS CAVALCANTI

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Banca Examinadora, apresentado no Curso de Biblioteconomia, do Departamento de Ciência da Informação, da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

TCC aprovado em 16 de outubro de 2024

Banca Examinadora:

_____
MÁJORY KAROLINE FERNANDES DE OLIVEIRA MIRANDA - Orientador(a)
Universidade Federal de Pernambuco - DCI

_____
DANIELA EUGÊNIA MOURA DE ALBUQUERQUE – Examinador(a) 1
Universidade Federal de Pernambuco - DCI

_____
CÉSAR WALTONYER DE ARAÚJO SILVA - Examinador(a) 2
PPGCI/UFPE

AMANDA FARIAS CAVALCANTI

ENTRE FILTROS E LEMBRANÇAS: A Coleção de “Inutilidades” e Sua Patrimonialização no Instagram

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Aprovado em: 16/10/2024

BANCA EXAMINADORA

_____

Profa. Dra. Májory Karoline Fernandes de Oliveira Miranda (Orientadora)

Universidade Federal de Pernambuco

_____

Profa. Me. Daniela Eugenia Moura De Albuquerque (Examinador Interno)

Universidade Federal de Pernambuco

_____

Cesar Waltonyer de Araujo Silva (Aluno de Pós-Graduação - Examinador Externo)

Universidade Federal de Pernambuco

Para minha mãe, Jane Simone Dutra de Farias, que me deu muito mais do que só uma parte de seu DNA, mas dividiu comigo sua força, inteligência, criatividade e acima de tudo amor e apoio.

AGRADECIMENTOS

Acredito que é impossível para um ser humano realizar qualquer atividade de forma totalmente isolada. Embora alguém possa ter concretizado algo com suas próprias mãos, sempre há uma rede de pessoas por trás, prontas para ajudar nas diversas dificuldades que surgem ao longo do caminho.

Durante minha graduação, encontrei muitas pedras no caminho. Em cada vez que quase tropecei, havia alguém para me ajudar a levantar. Quando a pedra era grande demais para que eu conseguisse levantar sozinha, sempre contei com o apoio necessário para levantá-la. Minha rede de apoio tornou possível a realização desta monografia, e a essas pessoas dedico meus agradecimentos.

Primeiramente, agradeço à minha mãe, Jane Simone Dutra de Farias, que sempre apoiou todas as minhas ideias, comemorou cada uma de minhas conquistas, chorou comigo em meus momentos difíceis, e dedicou grande parte de seus dias a me educar e a moldar a pessoa que sou. É impossível expressar em palavras o quanto sou grata a essa mulher. Minha mãe é o coração desta monografia, pois todas as minhas conquistas são, em essência, para ela. Sem ela, eu não teria sido capaz de alcançá-las. Minha mãe enfrentou muitas pedras em seu próprio caminho, assim como eu enfrentei no meu. Mas, ao contrário dela, eu tive alguém ao meu lado para me apoiar nesta jornada. Ela dedicou sua vida a me proporcionar oportunidades que ela mesma não teve. Lutou para que minha jornada fosse mais leve e repleta de possibilidades. Por isso, sinto que é meu dever honrar seus esforços, dedicando todas as minhas realizações a ela. Cada página desta monografia carrega um pouco do amor, da força e da sabedoria que minha mãe me transmitiu ao longo dos anos.

Agradeço também à minha avó, Severina Dutra de Farias, que, mesmo sem entender muito bem o que eu faço, sempre fez questão de contar a todos com orgulho que tem uma neta que faz "bi-blio-te-co-no-mia na federal" (risos). Minha avó, aos 86 anos, após ter sido dona de casa por quase toda a vida, ainda sim, se dedicou a cuidar de mim, sempre preocupada com a hora que eu chegava e com o tanto que eu estudava até tarde. Obrigada, vó, por todas as vezes em que você abriu a porta do meu quarto para conversar sobre qualquer coisa. Esses momentos em que você me "atrapalhava" foram, muitas vezes, o respiro que eu precisava no meu dia.

Dando continuidade aos agradecimentos, às mulheres que me ajudaram a chegar até aqui, quero expressar minha gratidão à minha orientadora, Májory Karoline Fernandes de Oliveira Miranda. Desde quando eu era apenas uma aluna em sua aula, mesmo no período

remoto, ela acreditou em mim, viu meu potencial e me ofereceu uma oportunidade única de trabalhar com ela—uma oportunidade que mudou meu caminho dentro da biblioteconomia. Obrigada por me ouvir chorar, por ser paciente com meu temperamento ansioso e por sempre acreditar nas minhas ideias, mesmo quando eu não acreditava nelas. Májory é uma inspiração para mim como pesquisadora, professora e pessoa. Tenho uma enorme admiração por quem ela é, e espero um dia ser tão forte quanto ela—falo isso no sentido literal e figurado, tá?

Quero expressar minha gratidão à minha família do coração, aquelas pessoas que escolhi e que me permitiram estar ao lado delas. Em um mundo ideal, eu dedicaria um parágrafo a cada um de vocês, mas vou tentar falar um pouco sobre todos. Para evitar brigas, seguirei a ordem alfabética.

Beatriz, agradeço por ser minha parceira de rolês baratos e por me apoiar quando nem eu mesma acreditava. Lara, sua calma inabalável muitas vezes me trouxe tranquilidade quando eu mais precisava. Laura, obrigada por ser minha parceira de surtos, mágoas e alegrias você sempre será minha irmã de outra mãe. Maria Luiza (ou Barros, para os íntimos), você sempre foi minha animadora de torcida pessoal; em todos os momentos em que eu estava desanimada, seu sorriso mágico me levantava. Nathalia, sou grata por todos os nossos almoços, risadas e pelo seu suporte técnico excepcional. Raphael, obrigada pela companhia nos dias desgastantes do vai e vem dos ônibus. Vinícius, sou eternamente grata pelo amor, carinho e cuidado que eu não sabia que merecia, obrigada por sempre me mostrar o lado positivo, até quando eu recusava enxergar. E, por fim, mas não menos importante, Vitória, que eu quase nunca vejo, ao ponto de, por vezes, duvidar da minha sanidade e achar que a inventei na minha cabeça (risos). Mesmo assim, agradeço pelos conselhos e pelas sábias palavras que sempre me guiaram.

Quero expressar minha gratidão ao professor Marcos Galindo, que não só me ofereceu a oportunidade de crescer como pesquisadora e como pessoa, mas também se tornou um mentor inestimável no laboratório LIBER. Sob sua orientação, encontrei um espaço onde pude experimentar, aprender e, principalmente, errar—aquilo que, na ciência, é uma raridade e, ao mesmo tempo, uma necessidade para o verdadeiro crescimento. O professor Galindo, com sua experiência, não apenas me deu a liberdade de explorar minhas possibilidades, mas também me acolheu de tal forma que o LIBER se tornou minha segunda casa. Sua confiança em meu potencial foi um pilar para que eu pudesse desenvolver minhas habilidades, e sou imensamente grata por ter tido a chance de trabalhar ao lado de alguém tão inspirador.

Falando sobre o LIBER, quero agradecer aos amigos que fiz durante meus anos de trabalho no laboratório. Agradeço a Aninha, César, Victor, May e Jô, que foram muito mais

do que amigos; vocês me ensinaram tantas coisas e ver o crescimento de cada um de vocês tem sido lindo e inspirador. É maravilhoso quando as pessoas de quem gostamos também nos influenciam a ser melhores. Agradeço também a Bel, Brida, Jéssica e Felipe, que se tornaram muito mais do que colegas de trabalho. Considero vocês meus amigos e sei que posso contar com vocês, assim como vocês podem contar comigo. A amizade de vocês tem sido uma fonte de alegria durante minha jornada.

Por fim, um agradecimento especial aos meus amigos de curso: Tiago, Rosa, Louise e Alisson. As risadas, tapiocas, fofocas e momentos de desespero compartilhados com vocês tornaram a graduação muito mais suportável e divertida. Sem o apoio e acolhimento de vocês, minha experiência na graduação teria sido bem mais difícil. Obrigada por estarem ao meu lado quando eu precisava de vocês.

Desde pequena, meu pai me ensinou a “gostar” de futebol e, como um bom tricolor, me fez torcer pelo seu time de coração, o Santa Cruz. Lembro-me de um momento marcante em 2014 (se não me engano), quando o Santa Cruz voltou à Série A do Campeonato Brasileiro. No dia em que isso aconteceu, o jornalista que narrava o jogo disse uma frase que ficou gravada em minha memória: "O Santa Cruz voltou carregado pela força da sua torcida." Essa frase me marcou profundamente pelo seu sentido de coletividade. Assim como o Santa Cruz, eu também alcancei minhas conquistas carregada pela força das pessoas que torciam por mim. Cada passo que dei foi sustentado pela presença e pelo apoio incondicional de todos que me cercam. Esta monografia é mais do que um reflexo do meu esforço individual; é o resultado do amor, do suporte e das contribuições de cada um de vocês.

A todos, obrigada!

"“Ah, que bonito, tinha era que tirar uma foto!”, e já está no terreno de quem pensa que tudo o que não é fotografado é perdido, que é como se não tivesse existido, e que então para viver de verdade é preciso fotografar o mais que se possa, e para fotografar o mais que se possa é preciso: ou viver de um modo o mais fotografável possível, ou então considerar fotografáveis todos os momentos da própria vida. O primeiro caminho leva à estupidez, o segundo, à loucura. (Calvino, 2013, p. 48)."

RESUMO

Inserida no campo da Ciência da Informação e dos estudos sobre memória, patrimônio e tecnologia, a pesquisa considera as coleções de "inutilidades" como representações da memória registradas e ressignificadas no ciberespaço, avaliando novas formas de compreender a memória nesses espaços. A presente pesquisa tem como objetivo compreender o conceito de coleções de "inutilidades" no Instagram e seus processos nesse ambiente digital. A metodologia adotada incluiu a revisão bibliográfica sobre os estudos de memória e patrimônio como também análise da conexão entre a coleção de inutilidades e criação das identidades contemporâneas, especificamente no Instagram. A investigação buscou compreender como as postagens e coleções no Instagram, tratadas sob a perspectiva da Ciência da Informação, contribuem para a formação e preservação de novas memórias. A partir dessa análise compreendemos as imagens como suporte da memória e da identidade, reconhecemos que essas imagens compõem a vasta coleção de itens aparentemente "inúteis" que povoam o espaço virtual do Instagram. Conclui-se que as coleções de inutilidades no Instagram possibilitam novas formas de memória e registro, ao criar um espaço para novas interpretações das imagens registradas. Ao apreender as fotografias vernaculares como parte dessas coleções, reconhece-se a importância do indivíduo na construção de identidade social e individual.

Palavras-chave: memória social; memorial individual; instagram; identidade social; patrimônio digital.

ABSTRACT

Inserted in the field of Information Science and studies on memory, heritage, and technology, this research considers "collections of useless things" as representations of memory recorded and re-signified in cyberspace, assessing new ways of understanding memory in these spaces. The present research aims to understand the concept of "collections of useless things" on Instagram and its processes within this digital environment. The methodology adopted included a literature review on memory and heritage studies, as well as an analysis of the connection between collections of useless things and the creation of contemporary identities, specifically on Instagram. The investigation sought to understand how posts and collections on Instagram, viewed from the perspective of Information Science, contribute to the formation and preservation of new memories. From this analysis, we understand images as a support for memory and identity and recognize that these images form part of a vast collection of seemingly "useless" items that populate the virtual space of Instagram. It is concluded that collections of useless things on Instagram enable new forms of memory and recording by creating a space for new interpretations of the registered images. By understanding vernacular photographs as part of these collections, the importance of the individual in the construction of social and individual identity is recognized.

Keywords: social memory; individual memory; instagram; social identity; digital heritage.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO **14**

2 A MEMÓRIA E SUAS MNEMOTÉCNICAS **18**

2.1 A memória social através da escrita 20

2.2 Memória individual e seu papel no ciberespaço 24

3 PATRIMÔNIO CULTURAL E A CULTURA DIGITAL **29**

3.1 De quem é a escolha de patrimonializar? 30

3.2 A Importância da Construção do Patrimônio na Memória do Indivíduo 32

4. O NOVO ESPAÇO DA MEMÓRIA **32**

4.1 A Fotografia Vernacular no Ciberespaço: Memória e Identidade no Instagram 35

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS **36**

5.1 Abordagens da Pesquisa 36

5.2 Análises e Critérios 37

6 RESULTADOS **40**

6.1 A Ascensão das “Inutilidades” no Ciberespaço e Sua Influência na Construção de Identidade 40

6.2 Instagramáveis: Uma Análise das imagens no Espaço do Instagram 43

6.3 A Coleção de Identidades 49

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS **53**

REFERÊNCIAS **55**

1 INTRODUÇÃO

O seguinte estudo tem como objetivo compreender o que são as coleções de inutilidades e seus processos dentro do *Instagram*. Utilizando como base o conceito de coleções, tratado inicialmente pela autora Leila Beatriz Ribeiro que ao analisar o quadrinho "Urbano: o aposentado" um senhor aposentado que utiliza seu tempo livre para montar uma coleção de inutilidades. A autora representa a coleção de inutilidade como todo e qualquer objeto informacional que possua valor para o indivíduo sem compromisso de atingir as expectativas capitalistas de valor. Ribeiro (2015) explora como esses objetos expressam a cotidianidade dos indivíduos da metrópole e suas vivências trazendo o banal, os cacos e objetos ressignificando e expressando diferentes afetividades.

Com o desejo de entender as coleção de inutilidades começamos a pensar de que tipo de memória estas coleções podem ser compostas, com a ajuda de Cannelli e Musso (2022, p. 7) afirmam que, “para reconstruir vislumbres da vida cotidiana e dos pensamentos, por exemplo, historiadores sociais e culturais têm se apoiado amplamente em documentos pessoais produzidos não apenas por figuras públicas, mas ainda mais pelos indivíduos comuns”. Percebemos um fator em comum nestas **coleções** e registros **informais**: a individualidade, a vontade de registrar o banal, de lembrar dos pequenos, e até insignificantes detalhes da vida, todos esses conteúdos são memórias individuais que vão aos poucos construindo a nossa identidade.

Pensamos que as coleções de inutilidades, podem ser um modal das memórias individuais que por sua vez se conectam com as memórias sociais e coletivas. Segundo Galindo (2022), o termo “modal” é interpretado como modo, apresentando-se como maneira, forma ou meio de realizar ou materializar algo. Nesse sentido, podemos utilizar o termo “modal de documentos” para referir-se às coleções de inutilidades que materializam um tipo de memória dentro do espaço das redes. Contudo, antes de entendermos o que são essas coleções de inutilidades, é preciso apresentar de onde vem a necessidade de explorar tal tema.

Para Dodebei (2015), a preservação do patrimônio transformou-se em um objeto informacional. Representá-lo digitalmente é uma forma de garantir sua proteção contra o perigo da perda, assim como assegurar sua autenticidade. No entanto, pensamos que apenas representar um objeto informacional - no âmbito da nossa pesquisa, esse objeto são as coleções de inutilidades- não é suficiente para garantir sua proteção. Antes de tudo, esse

objeto precisa ser reconhecido e validado, para então pensarmos em garantir sua proteção contra o perigo da perda.

Madrow e Youngman (2023, p. 668) apresentam sua indagação sobre o assunto ao elucidar que "a memória, como produto narrativo, transformou-se em informação na forma de conhecimento". Ou seja, a memória criadora de narrativas, como um objeto informacional, começa a gerar conhecimento. Esse conhecimento não permanece apenas com um indivíduo, mas se espalha centenas de vezes através do tempo, das pessoas e, obviamente, do mundo digital. Entendendo o pensamento exposto, podemos reconhecer a necessidade de ir além da representação desses objetos em meio digital e também autenticar essas memórias como de uso importante tanto para o presente quanto para a posteridade, colocando-as em perspectiva de patrimônio e, consequentemente, de preservação, como indicado por Dodebei (2015).

Pensando nisso, é necessário, em primeira instância, reconhecer a influência e os impactos que as mídias digitais podem ter sobre a informação e, consequentemente, sobre a memória. Quando refletimos sobre criações como a prensa de Gutenberg, os avanços das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) e a crescente rotação de informações, é natural que a presença da sociedade nas mídias digitais aumente cada vez mais. É possível perceber que dentro desses ambientes virtuais, as informações, as memórias e os conhecimentos são criados e recriados várias vezes por diferentes usuários.

Podemos, então, declarar que esses são os rastros de uma geração; é possível interpretar esses rastros como nosso patrimônio, nossas memórias ou nossas coleções. Esta afirmação trata-se, principalmente dos rastros digitais que são deixados hoje como nossas memórias e por isso acreditamos ser o retrato de uma geração, Molina e Aguiar (2004) já elucidaram sobre as redes sociais quando entendiam que estas refletem o mundo em movimento e se referem a um conjunto de pessoas ou organizações ou qualquer entidade social que esteja conectada por relações sociais, sejam elas motivadas por diferentes origens. Estas ligações, vão construindo e reconstruindo uma estrutura social.

Com a quantidade exacerbada de informação no espaço virtual, cresce também a necessidade de preservar tudo aquilo que for considerado de valor pela sociedade, pelo coletivo e, por que não, pelo indivíduo. O medo de perder o que construímos e de esquecer o que aprendemos, torna a preservação de memórias e registros da humanidade uma prioridade à medida que a nossa sociedade avança informacionalmente e tecnologicamente.

A UNESCO reconhece desde 2004 a necessidade de patrimonializar e não só isso, também, considera o ambiente das mídias sociais como um patrimônio entendendo que esse pode interagir com a memória de indivíduos e também criando ao mesmo tempo uma

memória coletiva, ou seja, a garantia de sua continuidade e dos conteúdos que nela residem também precisam ser observados. Paul Ricoeur (2007) confirma nossas ideias ao dizer que "muitos esquecimentos se devem ao impedimento de ter acesso aos tesouros enterrados da memória". É essa memória citada por Ricoeur que precisa ser exposta para o povo, pois este sente uma necessidade cada vez mais crescente de lembrar. O patrimônio auxilia, como uma ferramenta, no processo de desenterrar essas memórias, que são as "[...] experiências, tradições, produções e acontecimentos, que se estabelecem entre os sujeitos, compondo uma memória social [...]" (Cavalcante, 2007a, p. 154-155).

Após reconhecer os impactos do meio digital na memória e enxergar o patrimônio como um meio para a preservação destas, podemos começar a pensar na ascensão das novas formas de registro da memória dentro dos meios digitais, e a cada vez mais crescente coleção de inutilidades feita pelos usuários nesses espaços, que não são sequer reconhecidas como informação e memórias em potencial. Portanto, a garantia da sua proteção e autenticidade, almejada por Dodebei, nem sempre é garantida aqui.

Acreditamos que nossa pesquisa pode trazer clareza ao entendimento das relações entre memória e o ciberespaço. O presente texto busca desenvolver os conceitos de memória e entender suas novas formas no espaço virtual, portanto, seguiremos uma lógica de apresentação das temáticas de forma que o leitor possa ser guiado através do texto com uma certa fluidez entre os tópicos, possibilitando o entendimento dos fatos e a compreensão das hipóteses apresentadas. Diante da polissemia dos conceitos de memória, resolvemos seguir a linha dos estudos de memória dentro das ciências sociais, que se iniciam por Ecléa Bosi com a obra "Memória e Sociedade: lembranças de velhos"[1], passando em seguida para os estudos de memória no campo da ciência da informação. Sendo assim, abordaremos os estudos na seguinte linha: memória coletiva, social, individual e os conceitos de patrimônio e patrimonialização.

Da necessidade de explorar o tema da memória e das coleções de inutilidades nasce a seguinte pergunta de pesquisa: *"Como as coleções de inutilidades no Instagram contribuem para a construção das novas formas de memória social e registro online?"*.

[1] Velhinho e Almeida (2017) levantaram estatísticas do avanço dos estudos de memória sobre a lupa das ciências sociais demonstrando também outros autores que colaboraram no processo desses estudos, e sobre o tema nos apresentam que "[...]o estudo da temática memória coletiva e social junto à grande área das Ciências Sociais no Brasil em meados da década de 1990 era incipiente e poucos pesquisadores e programas de Pós-Graduação tinham como tema de interesses de pesquisa a temática da memória. A partir da repercussão dos trabalhos desenvolvidos por Myrian Sepúlveda dos Santos, o campo de investigação da memória coletiva e social atingiu outros patamares de interesses e inúmeros artigos provenientes de pesquisas empíricas e ensaios teóricos foram publicados em revistas de excelência no país" (p.203).

Para responder esta pergunta o **objetivo geral** da pesquisa foca em compreender o que são as coleções de inutilidades e seus processos dentro do Instagram.

Enquanto os **objetivos específicos** focam em:

a) identificar os objetos informacionais que compõem a coleção de inutilidades do instagram;
b) Analisar como a disseminação de conteúdos publicados no Instagram contribui para a construção da memória social e o registro online.

Tais objetivos se apoiam na necessidade de contribuir cientificamente com os estudos da Biblioteconomia ao trazer o debate das coleções de inutilidades para a vista da comunidade científica, incentivando o diálogo e a troca sobre o tema. Acreditamos que são essas interações e relações que constroem um debate mais complexo dentro das ciências sociais, permitindo discordâncias e mais aprofundamento nas hipóteses levantadas. Dessa forma poderemos começar a pensar nas perspectivas dos usuários, seus impactos no social e na criação de identidade dentro e fora das redes sociais.

Julgamos colaborar socialmente com o tema através do estudo das coleções de inutilidades e dos estudos de memória, posto em vista que, estes nascem através do indivíduo e para o social. Ao escolher estudar tal objeto, buscamos garantir seu direito de preservação e o direito de outras gerações acessarem esta memória que produzimos diariamente sem perceber, e que pode ser esquecida da mesma forma. “A transmissão da informação/memória continua a existir, como no tempo da oralidade mítica, acrescida das novas lembranças depositadas no ciberespaço, para as quais não sabemos ainda se haverá, no futuro, condição de reprodutibilidade analógica” (Dodebei, 2015). Por meio dos estudos de memória, buscamos garantir essa reprodutibilidade para a nossa sociedade.

Por fim, compartilho minha experiência com o estudo da memória, que tem sido um foco constante das minhas pesquisas e interesses desde o início da minha formação acadêmica. Permitindo, desta forma, enxergar a memória em diversos espaços, ações e temas. Portanto, a dedicação com o tema desta monografia vai além de acrescentar aos estudos de memória ou de apenas entregar um tema qualquer. A dedicação a este trabalho vem da paixão pela pesquisa, pela ciência da informação e pela memória. “O estudo foi para mim o remédio soberano contra os desgostos da vida, não havendo nenhum desgosto de que uma hora de leitura não tenha me consolado” (Montesquieu, 1689).

Desta forma o trabalho tem a seguinte estrutura: se inicia com a Introdução, que contextualiza o tema e apresenta os objetivos da pesquisa. Em seguida, no seção dois, intitulado A Memória e Suas Mnemotécnicas, são exploradas as subseções Memória Social Através da Escrita e Memória Individual e Seu Papel no Ciberespaço. A seção três aborda o Patrimônio Cultural e a Cultura Digital, com as subseções De quem é a escolha de patrimonializar? e a Importância da Construção do Patrimônio na Memória do Indivíduo. Na quarta seção , são descritos os Procedimentos Metodológicos utilizados na pesquisa, e as Abordagens da Pesquisa e Análise de Conteúdo e Seus Critérios. Os Resultados são apresentados na quinta seção, onde se discute o Novo Espaço da Memória, a Ascensão das "Inutilidades" no Ciberespaço e Sua Influência na Construção de Identidade, Instagramáveis: Uma Análise das imagens no Espaço do Instagram e a ideia de uma Coleção de Identidades. Finalmente, o trabalho é concluído com as Considerações Finais, sintetizando os achados e suas implicações para o campo da Ciência da Informação.

2 A MEMÓRIA E SUAS MNEMOTÉCNICAS

A memória coletiva surge do desejo de comunicar, que, por sua vez, terá uma função social. Antes mesmo da escrita, o ser humano era capaz de se comunicar e o fazia de forma satisfatória com os recursos disponíveis. Pierre Janet (1972, p. 12) concorda ao considerar que "[...] o ato mnemônico fundamental é o 'comportamento narrativo', que se caracteriza antes de mais nada pela sua função social, pois é a comunicação a outrem de uma informação na ausência do acontecimento ou do objeto que constitui o seu motivo". Ou seja, era preciso lembrar-se dos fatos para poder passá-los adiante – não exatamente palavra por palavra, essa é uma característica da escrita e não da oralidade –, demonstrando uma visão geral dos fatos ocorridos. Importante ressaltar que, quando falamos desses atos memorialísticos da memória coletiva, tratamos principalmente de povos sem escrita. Le Goff (2003, p. 428) reserva o termo memória coletiva para os povos sem escrita, mas ressalta que "[...] a atividade mnésica fora da escrita é uma atividade não só nas sociedades sem escrita, como nas que a possuem" .

Vamos além das afirmações dos autores citados acima e acrescentamos que a memória coletiva é quase instintiva. Ela ocorre de maneira natural, acompanha e grava maneirismos sociais, regras de um grupo, e dita como você deve se portar em diferentes espaços, de forma que o indivíduo possa ser aceito mais facilmente. Ela funciona, também, como um mecanismo de defesa para as regras sociais e contra o perigo do esquecimento do que se viveu de forma pessoal ou coletiva.

Um exemplo da instintividade da memória coletiva é a forma como nos portamos diante do almoço de família ou em um bar com amigos. Como você sabe que precisa mudar de comportamento? Desde pequenos, memórias são criadas através da nossa socialização, e vamos entendendo, gravando, memorizando que ao se comportar com sua família da mesma forma que com seus amigos, podem haver repressões e vice-versa. Sua memória sobre o coletivo registra de forma natural essas informações, moldando sua identidade em diferentes espaços, que " [...] corresponde, assim, a um processo permanente de reconstituição e ressignificação ativa, de um passado que não é registrado como contínuo, mas atualizado e modelado [...]" (Velhinho; Almeida, 2017, p. 3).

Desta forma, ao compartilhar das ideias de Luvizotto (2015), conseguimos reiterar que a memória coletiva é um conjunto de tradições com sistemas simbólicos passados de geração para geração de forma repetitiva. São os costumes, linguagens, práticas, vestuário, culinária, música, poesia, dança, etc. Todos esses elementos compõem a cultura de um povo. A memória coletiva está ligada à criação da identidade; ela é uma ferramenta poderosa que conecta os indivíduos, ditando comportamentos ou criando novos.

Nas denominadas por Le Goff (2003) como "sociedades selvagens", a memória coletiva tinha seu foco nos conhecimentos práticos e técnicos, voltados ao saber profissional, como plantar, qual a estação certa para cultivar determinadas frutas, a arte da pesca, etc. Tais informações eram transmitidas como uma cultura geracional; o filho deveria fazer o que seu pai fazia, que por sua vez fazia o que seu próprio pai fez antes dele. Eram transmissões de conhecimento, desapegadas do mecanismo da memorização palavra por palavra, mas sim com uma característica que Le Goff (2003) irá chamar de uma "memória mais criadora que repetitiva".

Podemos, então, sumarizar a memória coletiva no contexto da oralidade como os costumes que transformam a memória em um reflexo de diversos erros e acertos, por isso é um aprendizado e construção constante de identidade. A memória coletiva se inscreve nos subconscientes, nos corpos de quem lembra e realiza.

É importante ressaltar que não certificamos que a memória é um hábito, mas reconhecendo as formas da memória coletiva e seus propósitos funcionais na oralidade. Entendemos que ela se aproxima da memória propriamente dita, sendo evocada voluntariamente para um propósito. É uma recordação consciente: "ela possui extensões,

como os saberes enciclopédicos, as crenças, as sensações e os sentimentos, que se beneficiam da cultura de memória que promove sua expansão [...]" (Candau, 2011).

2.1 A Memória Social Através Da Escrita

Com os aparatos da escrita, uma nova forma de memorizar nasce: a anteriormente citada palavra-por-palavra. Agora, a memória se vê numa nova perspectiva, sua função prática e quase ritualística começa a perder sentido em contraponto com o seu novo aparato. Para quê lembrar se posso registrar (escrever)? A escrita mudou profundamente nossas relações com o mundo e, é claro, com a memória.

> A escrita permite [...] o desenvolvimento de duas formas de memória. A primeira é a comemoração, a celebração através de um monumento comemorativo de um acontecimento memorável. [...] A outra forma de memória ligada à escrita é o documento num suporte especificamente destinado à escrita. [...] Neste tipo de documento a escrita tem duas funções: Uma é o armazenamento de informações, que permite comunicar através do tempo e do espaço, e fornece ao homem um processo de marcação, memorização e registro; a outra, ao assegurar a passagem da esfera auditiva à visual, permite reexaminar, retificar frases e até palavras isoladas (Le Goff, 2003, p. 431-433).

As ritualísticas da memória coletiva, como a passagem geracional de conhecimentos práticos, já não eram mais necessárias; tudo que fosse importante a ponto de não poder ser esquecido estaria escrito. Podemos dizer que a escrita, para a memória coletiva, vem para evolui-lá[2] transformando em memória social. Não é mais necessário guardar cada informação que julgar importante; escreva-a e evite esquecê-la. A escrita vem para transformar a memória coletiva, mas sem precisar destruí-la (Le Goff, 2003). Muito pelo contrário os estudos de memória social traçam uma trajetória histórica e paralela entre a memória coletiva e a memória social que se inicia com a predominância da comunicação oral - desde os tempos das cavernas/antiguidade -, Ao passar pelo período e culminar na disseminação da escrita - na era medieval -, e culminando na contemporaneidade marcada pelo ciberespaço.

Esta mnemotécnica, a escrita, torna possível contestar acontecimentos que antes dependiam da visão daquele que rememora. Para Yates (2007), “Nas sociedades de memória oral, onde o privilégio é concedido à dimensão narrativa, as lembranças são em geral

[2] Importante lembrar que o termo aqui aplicado não é feito de forma a afirmar a superioridade de uma memória sobre a outra, mas de seu significado literal de “transformação e mudança contínua, lenta e gradual em que certas características ou estados mais simples tornam-se mais complexos, mais desenvolvidos e aperfeiçoados". (Dicionário Michaelis, 2008).

reconstruídas por aquele que narra, não sendo apreciada a memorização mecânica". Assimilando a memória social como um mecanismo da inform(ação), podemos declarar que a garantia da veracidade é sempre importante dentro das perspectivas da informação. Isto posto, poder confiar na veracidade da memória de um grupo é de extrema importância não só para o acesso das gerações futuras, mas também para a construção do conhecimento do coletivo no agora.

No filme "Narradores de Javé" (Caffé, 2004), onde acompanhamos moradores da cidade de Javé tentando salvar sua cidade do esquecimento, registrando sua memória coletiva (oral) em um documento científico a transformando em memória social (escrita). O filme ajuda a entender como a memória coletiva pode ter diferentes "versões". A memória coletiva do povo de Javé não é unificada, apesar da memória desse povo ter diversas similaridades, os indivíduos que a compõem podem, e criam, versões que os favorecem ou desfavorecem os outros. Podemos pensar, assim, a partir da reflexão apresentada no filme, que o aspecto individual existente na memória coletiva é ao mesmo tempo sua benção, disponibilizando os diferentes pontos de vista daquele povo ajudando a chegar na melhor versão, mas também seu maior problema, permitindo que a memória sofra intervenções mal intencionadas que podem mudar perigosamente a informação.

E é nesse momento que a escrita se torna tão necessária e junto com ela o maior creditamento da memória social, contudo, podemos refletir como esse aparato ainda pode estar sujeito a diferentes interpretações, independentemente de seu propósito coletivo e/ou social, a memória ainda vai partir do indivíduo e de sua ética.

Percebemos assim como a memória social diante da escrita se expande para novos ambientes e, principalmente, novas discussões. A escrita traz novas técnicas e aparatos que facilitam a vida e convivência de grupos no que tange à memória. Com ela, são eternizados os cantos, os herois, os poemas, as peças; toda uma marca de uma civilização, é o registro que vai garantir que gerações futuras saibam que diferentes grupos estiveram aqui, e não só isso, que realizaram e colaboraram para a construção de algo maior. Dessa forma podemos assegurar que sem a escrita, como uma mecanismo de lembrança, a memória está sujeita à sombra do esquecimento, que apesar de ser algo inerente à memória, ainda assim, nós como sociedade estamos sempre a fugir desta sombra.

A partir do que foi exposto entendemos a memória social pela visão de Nora (1993) onde afirma que a memória social: "[...] são os traços do passado que permanecem vivos na

vida social dos grupos, ou o que os grupos fazem com esse passado. São esses traços do passado que nos fazem agir e constituem eles próprios formas de ação.” Esse aspecto contextual da memória social, o que os grupos que a detém fazem com ela, apresenta uma gama de possibilidades para a memória social, se ela tudo pode ela tudo é; e no contexto do ciberespaço que a memória social se torna ainda mais multifacetada se desprendendo do índice de ser apenas passado e podendo ser todos os tempos que o consumidor[3] a desejar.

Para exemplificar o que estamos falando podemos pensar nas obras literárias de suspense da autora Agatha Christie[4]. Inicialmente, suas obras eram amplamente apreciadas pelos leitores, que se envolviam com seus enredos misteriosos. No entanto, ao chegar ao público mais jovem, que discutia suas obras no espaço virtual e em um novo contexto social, as percepções sobre as obras de Christie começaram a mudar devido a conotações racistas em sua obra e na própria autora. Esse novo olhar sobre as memórias pré-estabelecidas das obras de Christie levanta debates sobre a separação entre o autor e sua obra. Assim, as memórias sociais relacionadas às obras da autora são lembradas e reinterpretadas **antes** e **depois** de sua inserção no ciberespaço, abrangendo passado e presente. Obtendo, assim, duas possibilidades de memória dentro dos espaços das mídias, á visualizar:

Quadro 1 - Diferentes tempos da memória

Memória social dentro do ciberespaço	
Passado	Presente
Obras queridas pelo público.	Público mais questionador, que duvida da qualidade das obras.
O debate e entendimento acerca da autora e sua obra estabelecidos e não questionados.	As **memórias** relacionadas à literatura de Agatha Christie são modificadas pela informação de racismo nas obras.

Fonte: Dados da pesquisa (2024)

Diante do que foi apresentado é importante lembrar que no contexto do ciberespaço e das mídias sociais, diferentes formas de perceber uma informação podem coexistir.

[3] Escolhemos, aqui, utilizar a palavra consumidor e não usuário para demarcar uma noção de capital diante da informação, acreditamos que à medida que a informação avança e junto com ela a memória, os usuários as têm cada vez mais associadas a conceitos de valor. A informação e a memória não são apenas mecanismos naturais do ser humano, mas são consumidas da mesma forma que outro pode consumir uma peça de entretenimento.

[4] Christie é a romancista mais bem sucedida da história da literatura popular mundial em número total de livros vendidos, uma vez que suas obras, juntas, venderam cerca de quatro bilhões de cópias ao longo dos séculos XX e XXI, cujos números totais só ficam atrás das obras vendidas do dramaturgo e poeta William Shakespeare e da Bíblia.

Acreditamos que essa característica é mais latente no ciberespaço devido às diferentes culturas e perspectivas que interagem e compartilham suas visões e interpretações sobre um determinado objeto, como uma obra literária, por exemplo. Essas diferentes perspectivas podem ser influenciadas por diversos fatores, como idade, experiências pessoais, contexto social e cultural, entre outros.

Com isso é evidente como essas diferentes formas de perceber uma informação podem coexistir dentro do espaço das mídias, permitindo que diferentes grupos tenham distintas perspectivas da memória, mesmo que as percepções sobre a obra tenham evoluído com o tempo.

Nas mídias sociais, o debate é amplificado e a memória pré-estabelecida sobre um objeto pode ser completamente modificada pelos usuários, bem como afirmam Rodrigues e Oliveira (2015, p. 94), "O desenvolvimento das tecnologias de informação e de comunicação desenhou um novo cenário social, o mundo virtual, no qual a memória é constantemente (re)construída e disponibilizada".

O ambiente virtual vem para subverter os conceitos fixos da temporalidade pondo em perspectiva a verdade, a informação e até mesmo a memória. A partir dos pensamentos de Huyssen (2000) é possível declarar que são nestes ambientes virtuais que as memórias sociais são trazidas à tona para discussão e transformação, buscamos lembrar não só por uma nostalgia, mas também para modificar nossos comportamentos e modos de vida, “a memória se tornou uma obsessão cultural de proporções monumentais em todos os pontos do planeta” (Huyssen, 2000, p. 16). A memória é presente a todo tempo nos ambientes virtuais, essa presença constante segundo o autor causa a construção de novas memórias que nascem e são modeladas pelas tecnologias digitais.

A evolução desses ambientes virtuais criam novas técnicas de memorização evoluindo as memórias com a passagem do tempo, evidenciando hora uma e hora outra, dentro do ciberespaço a memória social é viva, principalmente se considerarmos “a imposição de tudo lembrar e o direito de esquecer” (Dodebei, 2015). Esse ciberespaço muda as relações com a memória, pois, é esse espaço, principalmente o das mídias, que vai ditar o que nós como sociedade devemos lembrar, Dodebei (2015, p. 147) explana bem esse processo ao sugerir que “O sentido de hibridação na produção de lembranças também é o de justamente convivermos com meios de memória oral, documental/digital”.

Compreender esta nova forma da memória social, e da memória como um todo, é permitir que novos debates possam nascer e outros que foram esquecidos venham à tona. Diante disso, para prosseguirmos com nossa reflexão diante dos estudos de memória é imprescindível que falemos da memória individual e seu papel, talvez, crucial no ciberespaço e no mundo das mídias sociais.

2.2 Memória Individual e Seu Papel No Ciberespaço

É importante citar a participação ativa do indivíduo no espaço virtual das mídias sociais, apesar do objetivo coletivo e social das mídias elas ainda sim são criadas e frequentadas de forma individual, logo, muito do que está posto, mesmo que aprovada pelo coletivo, é criado pelo indivíduo, desta forma é preciso explicarmos, com o auxílio de Dodebei (2015, p. 136), o seguinte conceito:

> Os objetos, considerados como informações individuais, podem ser representados por fotografias pessoais, filmes, peças arqueológicas, museológicas, bibliográficas, arquivísticas, ou mesmo peças imaginárias. As narrativas, compreendidas sob uma perspectiva plural ou coletiva, seriam representadas por exposições, mostras, textos literários, entrevistas.

A citação acima destaca a diversidade dos objetos que podem ser considerados como informações individuais dentro do ciberespaço, abrangendo desde simples imagens até obras culturalmente significativas. Esses objetos podem incluir fotografias pessoais, filmes, peças arqueológicas, museológicas, bibliográficas, arquivísticas, estes podem ser representados em diferentes contextos, como exposições, mostras e textos literários. Quando essas obras individuais são compartilhadas e consumidas pela sociedade, elas contribuem para a construção de narrativas coletivas, enriquecendo nossa compreensão do mundo. Dodebei (2015) continua a explanar esses aspectos utilizando do pressuposto de Dijk de que os artefatos individuais estão inseridos em modos (compartilhados socialmente) de registrar e rememorar o passado. Tais modos estão, por sua vez, estreitamente relacionados às mídias utilizadas.

Isso posto, percebemos a memória individual, principalmente no ciberespaço, como um processo de transformação, mesmo sendo uma atividade interior e subjetiva fica a faltar uma dimensão visível e tangível da memória social. Esse aspecto tangível é o registro, alguma

técnica para comunicar, que nos tempos atuais, de uma perspectiva pós moderna[5] esse aspecto tangível da memória vai ser o ato de postar, publicar, *tweetar*[6]. Nesse caso o outro (o social) vem para intervir "[...] regularmente como modelo, sustentáculo ou adversário, e deste fato a psicologia individual é também, de imediato e simultaneamente, psicologia social" (Freud, 1921, p. 124).

Apesar do conceito aplicado ser da memória em uma perspectiva psicológica é possível também aplicar a mesma ideia de Freud (1921) para a memória das ciências sociais, visto que o indivíduo influencia o seu meio da mesma forma que o seu meio influencia o indivíduo seja em larga ou pequena escala. Nas palavras de Candau (2011) "Não pode haver memória sem identidade, porque a conexão dos estados sucessivos que o sujeito conhece é impossível se esse não tem consciência a priori de que esse encadeamento de sequências temporais pode ter uma significação". Em outras palavras, a memória social não pode ser construída ou compreendida sem uma noção de identidade individual e uma compreensão do significado dos eventos passados para essa identidade.

Assim, percebemos que a memória individual e a memória social andam juntas como pares perfeitos onde um alimenta o outro, sendo a memória individual necessária para criar ambientes sociais e a memória social para criar indivíduos, na qual os dois vão criando simultaneamente identidade.

No contexto do espaço virtual, percebemos que essas relações se entrelaçam e podem sim parecer confusas, entendemos que a possível confusão vem da falta de reconhecimento da transformação da memória dentro deste espaço. Com isso é preciso "dar nome aos bois"[7] e entender quem é a memória individual no ciberespaço, de que ela é composta, para enfim compreendermos sua representação no espaço das mídias. Halbwachs (2006), afirma que precisamos de testemunhos para evocar as nossas lembranças, como se servissem de pontos de acesso para que possamos recuperar as lembranças de nossas vivências. Que espaço melhor do que as redes sociais para tal feito? Por isso, a primeira instância desse testemunho vem de nós mesmos, vamos testemunhar a nós mesmos, registrar e publicar, para só então, o outro possa ver e evocar essa lembrança em conjunto.

---

[5] O termo se refere às mudanças sociais, culturais, artísticas, filosóficas, científicas e estéticas que surgiram após a Segunda Guerra Mundial e que mudaram diversas relações e comportamentos na sociedade.
[6] publicar (comentário, fotografia, etc.) na rede social X (antigo Twitter).
[7] A expressão "dar nome aos bois"(anteriormente "chamar uma pá de pá") significa denunciar alguém que fez algo de errado, informando de forma clara quem é o culpado. aplicada aqui e no dito popular como: deixar algo claro, explicar como funciona, esclarecer algo.

Acreditamos que a memória individual nesse tempo pós-moderno vai além das lembranças do eu **com** a comunidade ela vem do eu **para** a comunidade. Podemos pensar que quando as lembranças são compartilhadas ‘com’ outro, elas se tornam parte de um tecido social mais amplo, moldando narrativas culturais. Por outro lado, quando a memória é direcionada ‘para’ a comunidade, ela assume um papel ativo na construção do conhecimento coletivo e da identidade.

Explanando de forma mais didática, podemos pensar que quando lembranças são compartilhadas 'com' outros, isso significa que, por exemplo, você conta uma história da sua infância para seus amigos, essa memória agora faz parte da experiência compartilhada entre você e seus amigos. Essa experiência pode moldar identidades coletivas, como o grupo de amigos que compartilham essa lembrança específica.

Por outro lado, quando a memória é direcionada 'para' a comunidade, aqui, estamos falando sobre o oposto, onde a memória não é apenas compartilhada, mas também é direcionada ou focada na comunidade. Para nós isso significa que a memória não é apenas lembrada individualmente, mas também é usada ativamente para contribuir com o conhecimento coletivo da comunidade. Por exemplo, uma comunidade pode preservar memórias importantes de sua história local e usá-las para ensinar gerações futuras sobre sua identidade e herança cultural. Essas memórias direcionadas para a comunidade têm um papel ativo na construção e preservação da identidade.

Dentro desse entendimento pretendemos abordar mais a frente esse aspecto sobre a perspectiva das redes sociais, mais especificamente do *Instagram*, que apesar de não ter como função exclusiva o armazenamento dessas memórias é o espaço em que a maioria da pessoas registram a memória, no *Instagram*, as memórias individuais são compartilhadas publicamente, criando um arquivo coletivo que contribui para a construção da identidade e da história de uma comunidade. É importante ressaltar que o trabalho “Identidade e Memória” de Candau (2011) também contribui com essa perspectiva e reforça “A memória coletiva não é apenas a soma das memórias individuais; ela é uma construção social que permite a uma comunidade constituir-se como tal, dando-lhe uma identidade própria”.

Com os aparatos tecnológicos das redes sociais a memória individual consegue alcançar esse papel em maiores proporções e de forma mais rápida. A internet permite que um simples post de um indivíduo se espalhe por todas as bolhas sociais e vá além do seu pequeno grupo, influenciando a toda uma cadeia de pessoas.

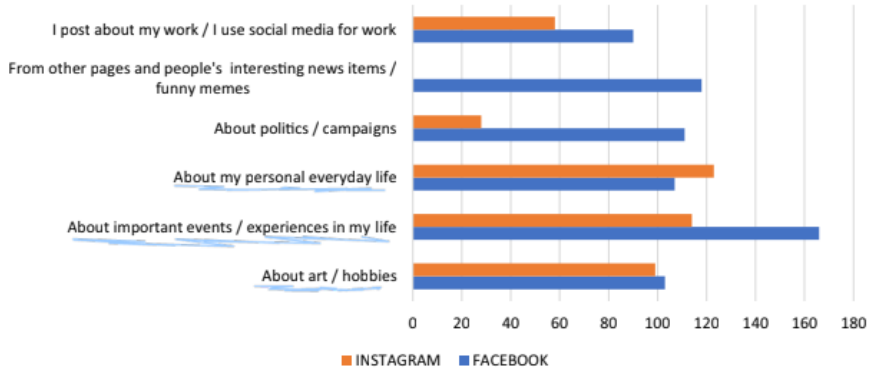
> Chegamos, portanto, à constatação de que estamos diante de mais uma inovação na história da escrita, da leitura e dos estoques de informação e a memória: a solidificação do computador. E que devemos torná-lo um aliado no processo de retenção de uma informação, de uma experiência ou recordação (Carvalho, ; Carvalho, 2006, p. 50).

Vivemos na era da revolução da *world wide web (www),* na qual é importante considerar as inúmeras memórias que estão salvas e registradas nas plataformas de mídias sociais, a exemplo, o *Instagram*, que não só traz a possibilidade de registro, mas também uma versatilidade. Nele é possível gravar vídeos, postar fotos e até escrever atualizações usando uma quantidade de caracteres limitado. Além da versatilidade do *Instagram,* também é possível ver alguns outros números que nos ajudam a exemplificar a transformação e utilização dessas plataformas como o registro da memória individual.

Cannelli e Musso (2022) realizaram um questionário com uma combinação de perguntas fechadas de múltipla escolha, complementadas por perguntas abertas para capturar as opiniões dos participantes sobre assuntos específicos. Esses assuntos estavam relacionados às mídias sociais e seus usuários, a partir daí usamos de sua pesquisa para entender melhor a relevância das mídias para o registro da memória individual.

Com relação ao uso das mídias sociais, os participantes foram solicitados a indicar com que frequência eles usavam ativamente as redes sociais e qual delas mais usavam. Embora uma ampla variedade de plataformas tenha sido fornecida, os entrevistados pareciam principalmente postar conteúdos no *Facebook* e no *Instagram*[8], confirmando a ampla popularidade dessas plataformas.

Gráfico 1 - Usabilidade das plataformas

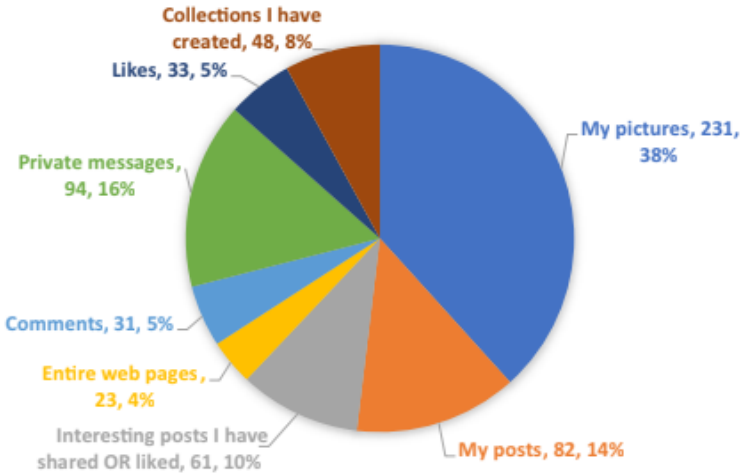


Fonte: Cannelli e Musso (2022)

[8] Ambas empresas pertencentes ao grupo *Meta.*

Os enunciados marcados de azul claro são referentes a atividades que consideramos mais banais e informais, atividades estas que entendemos como oriundas principalmente das coleções de inutilidades, que pretendemos discutir mais a frente. É possível perceber com este resultado que, tanto o *Instagram* quanto o *Facebook* são bastante cobiçados para essas atividades, provando novamente que as plataformas digitais são o que o usuário busca para registrar. Outros dados também coletados pelas autoras, que contribuem para nossa hipótese são os a seguir:

Gráfico 2 - Atividades realizadas nas redes sociais



Fonte: Cannelli e Musso (2022)

"Os entrevistados geralmente tinham a tendência de postar no *Facebook* e no *Instagram* sobre suas atividades cotidianas, eventos especiais ou interesses pessoais, confirmando a natureza pessoal associada ao conteúdo compartilhado nesses espaços virtuais."[9] (Cannelli; Musso, 2022, p. 10). A citação acima é referente a exploração das autoras sobre os resultados apresentados, refletindo assim, em nossa interpretação.

[9] Gostaríamos de esclarecer que apesar dos resultados, entendemos que a pesquisa apresentada pelas autoras tem um recorte específico; tendo sido realizada e respondida, majoritariamente, por cidadãos americanos e ingleses, o que pode trazer certa irregularidade se compararmos com dados nacionais, contudo para esse assunto não é encontrado dados neste ponto referido no contexto brasileiro.

A partir dos dados expostos fica ainda mais claro para nós, não só a forte presença das mídias nos registros de memória individual, mas também a comprovação do novo ambiente de memória como um todo. Agora que reconhecemos as mídias como esse espaço de memória, pretendemos compreender como se apresenta a coleção de inutilidades que compõem a memória nesse espaço.

Examinando os estudos da memória coletiva, social e individual e como se completam, utilizamos a fala de Gondar (2015) para explicar melhor onde queremos chegar:

> [...] abre-se a possibilidade de que a memória, ao invés de ser recuperada ou resgatada, possa ser criada e recriada, a partir dos novos sentidos que a todo tempo se produzem tanto para os sujeitos individuais quanto para os coletivos – já que todos eles são sujeitos sociais. A polissemia da memória, que poderia ser seu ponto falho, é justamente a sua riqueza.

Discutindo sobre a polissemia da memória, precisamos partir do princípio que ela é diversa, que não precisa necessariamente se prender a normas ou leis, a diversidade da memória e seus estudos nos dão margens para experimentar e colocar em questão novos conceitos discutindo e acrescentando ao debate.

3 PATRIMÔNIO CULTURAL E A CULTURA DIGITAL

A partir do que foi discutido na seção anterior, é imprescindível falarmos sobre patrimônio. A palavra patrimônio pode ter diferentes significados em diferentes contextos, dependendo da área que você trabalha ou aborda o tema ele pode seguir alguns caminhos. Buscamos entender patrimônio a partir da definição de Cavalcante (2007, p. 154-155), para ele patrimônio são as "[...] experiências, tradições, produções e acontecimentos, que se estabelecem entre os sujeitos, compondo uma memória social [...]". Para nós, o patrimônio tem peso emocional e afetivo, ele nasce a partir de histórias e memórias que temos a necessidade de preservar, não deixar "morrer" aquilo que é importante.

O patrimônio é composto de pequenas histórias, identidades, traços de um grupo social. Pode se apresentar como nas estruturas e registros da civilização romana (VIII a.C) ou mesmo como as memórias de seu grupo familiar num álbum de fotos. Conhecidas também como "[...] fotografia vernacular, que, de modo resumido, significa a fotografia praticada por qualquer pessoa em qualquer lugar" (Salazar, 2018 p. 73). Esses registros podem ser percebidos como elementos unificadores que confirmam a unidade presente do grupo.

A partir dessas abordagens podemos começar a nos questionar, "o que pode ser patrimonializado?". Para responder essa pergunta precisamos entender o que é patrimonialização. Segundo Dodebei (2015, p. 11) "Do ponto de vista da patrimonialização, todo patrimônio deve sua existência a um processo de construção social. Esse processo de construção social não é isento de tensões e requer a identificação dos tipos de discurso patrimoniais [...]".

O processo de construção social, citado acima, também está ligado aos aspectos de memória. A memória é aspecto chave para os entendimentos de patrimonialização, é dela que nasce a necessidade para tal ação, para nós a patrimonialização é ato, é fazer, é agir, o indivíduo ou grupo toma a decisão de patrimonializar suas memórias criando assim seu patrimônio.

Silva (2011) corrobora com o nosso pensamento quando reitera que a patrimonialização é uma ação que tem como finalidade fomentar o desenvolvimento através da valorização e revitalização de uma determinada cultura e do seu patrimônio cultural. Ou seja, a patrimonialização faz parte tanto do coletivo, buscando eternizar sua história, como também é uma ação importante para manutenção da memória do indivíduo que busca de diversas formas lembrar de seus feitos isolados e únicos. É na sombra do esquecimento que se

fazem os diferentes espaços de memória e por conseguinte a patrimonialização dessa cultura seja ela individual ou coletiva.

3.1 De quem é a escolha de patrimonializar?

Dentro da era da informação o espaço virtual e a cultura digital se fazem cada vez mais presentes, esses são os novos espaços da informação, é onde os usuários estão, é por onde nós nos comunicamos, nos divertimos e nos expomos, é onde, atualmente, transformamos nossas memórias em nossos patrimônios. Para Fischer (2008, p. 351-352) :

> É preciso escapar da efemeridade fatal da cultura digital que não tem memória. Às artes digitais se dissolvem, mal aparecem. Quanto mais sofisticada é uma tecnologia, mais rápido ela envelhece, mais rápido se apaga.

Diante disso, esse pensamento não faz jus ao potencial criativo, informativo e de interação contido no espaço virtual. O ambiente virtual pode ser uma ponte para diversos usuários terem acesso a diferentes informações, como também serem capazes de produzi-las e disponibilizá-las nesse ambiente acessível a todos, tentar tratar esse espaço como um vilão da cultura e do acesso é elitista e redutor.

Dodebei (2015, p. 38) corrobora com nossos pensamentos e acrescenta:

> É preciso compreender que o ambiente virtual polvilhado de memórias digitais, mesmo que efêmeras, possibilita a interação com um número expressivo de internautas que podem fruir a obra de arte, interagir com ela, apropriar-se dela e transformá-la, criando, desta forma, uma cadeia de sentidos que se torna independente do objeto original.

A cultura é um reflexo da ação humana independente do suporte em qual foi produzido, o fator humano estará lá. Esclarecidos esses aspectos, podemos começar a refletir no que grupos e/ou indivíduos vem produzindo e considerando importante, da perspectiva memorial e patrimonial, para assim começarmos a entender melhor quais são esses objetos que podem estar compondo a coleção de inutilidades.

Usando como exemplo o programa da UNESCO Memória do Mundo, podemos entender um pouco de quais são esses patrimônios considerados importantes e válidos de serem preservados. O programa Memória do Mundo é uma iniciativa internacional promovida e coordenada pela UNESCO desde 1992, com o objetivo de garantir a preservação e o acesso ao patrimônio documental e digital de maior relevância para os povos do mundo. Os objetos

da coleção incluem animais, construções, seres humanos, plantas, paisagens, crenças, tradições, ideias, valores, criações artísticas, são diversos elementos que constituem a diversidade humana de todos os cantos do mundo.

A coleção da UNESCO e o feed do *Instagram* dos seus amigos também podem conter esses mesmos aspectos memoriais, uma música, uma foto do seu bichinho de estimação, uma foto sua com seus amigos. As memórias escolhidas pela UNESCO para serem patrimonializadas, também são alguns dos bens que o usuário escolhe registrar em suas coleções de inutilidades, apenas em escalas diferentes.

Os dois buscam o mesmo objetivo, lembrar, não deixar que memórias importantes na construção do mundo, no caso da UNESCO, e do indivíduo, no caso do feed do *Instagram*, *tiktok*, *twitter* e etc., caiam no esquecimento. Para Dodebei (2008, p. 7): "[...] a memória é formada pela tensão existente entre lembrança e esquecimento. Portanto, selecionar é uma ação determinante no processo de construção da memória, seja ela individual, coletiva, documentária concreta ou virtual", provando assim que todos temos a capacidade de registrar.

3.2 A Importância da Construção do Patrimônio na Memória do Indivíduo

Ao compreender que o patrimônio se forma de manifestações geradas pela relação e ação humana, é possível enxergar que este vai ser composto não só por grandes acontecimentos decisivos na história da humanidade, tais como a revolução francesa (século XVIII) ou a segunda guerra mundial (século XX), mas, também, nos patrimônios oriundos da colação de inutilidades. Acreditamos que nessas coleções contém o verdadeiro cerne da humanidade. São esses tipos de patrimônios o qual recorremos para assegurar nossa história em momentos de fragilidade, "seja para garantir sua maior visibilidade [...], seja para reafirmar o reconhecimento cultural de grupos sociais" (Dodebei, 2015, p. 11). A memória sempre vai ser necessária, a memória é a vivacidade da estrutura social.

> Não lemos nem escrevemos poesia porque é bonitinho, lemos e escrevemos poesia porque somos humanos e a raça humana está repleta de paixão. Medicina, advocacia, administração e engenharia são objetivos nobres e necessários para manter-se vivo, mas a poesia, beleza, romance, amor é para isso que vivemos (Sociedade dos Poetas Mortos, 1989).

A citação acima pode não ser considerada cientificamente embasada, mas essa fala do filme representa bem a importância das pequenas coisas e como são esses os detalhes que constroem a forma como os indivíduos enxergam o mundo a sua volta e criam através disso

suas identidades. “A busca memorial é então considerada como uma resposta às identidades sofredoras e frágeis que permitiria apoiar um futuro incerto em um passado reconhecível" (Candau, 2011). Para que esse passado reconhecível permaneça de certa forma intacto é preciso patrimonializar e garantir sua recuperação.

O patrimônio cultural preserva nossa paixão pela vida, pela natureza, pela arte, pelo eu. Acreditamos que patrimonializar é garantir que a história da humanidade seja salvaguardada e viva para além de todos nós. Sabemos que a patrimonialização e a criação de um patrimônio cultural é uma das melhores formas de preservar a memória, mas esse aspecto é sempre abordado a partir da perspectiva do coletivo, então podemos nos questionar, quem está preservando a coleção de inutilidades?

4 O NOVO ESPAÇO DA MEMÓRIA

McLuhan (2007, p. 195) acredita que "[...] a tipografia acabou com o paroquialismo e com o tribalismo tanto psíquica quanto socialmente, tanto no espaço como no tempo". A partir disso, nota-se que a mudança abordada acima foi de tamanho impacto que causa a primeira grande mudança na forma de registrar. Esse período pode ser marcado, também, a partir da imprensa de Gutenberg que começa a tomar maiores proporções demarcando, assim, o período das informações impressas apresentando novos modelos de consumo da informação. A invenção vai evoluindo para a imprensa jornalística (século XVIII), que culmina na invenção do rádio, que logo se torna "obsoleta" com a invenção da televisão.

Le Goff (2003) entendia que quanto mais rápidas as mudanças sociais, seja na febre ou na angústia, mais inevitável vai se tornando a busca pela memória. A memória se torna um bem valioso dentro da sociedade da informação, é o novo e mais badalado espaço da informação no século XXI; todos querem lembrar no tempo da enxurrada de informações.

Dessa forma, ao examinar as ideias de McLuhan (2007) e Le Goff (2003), observamos que ambos, apesar de seus diferentes contextos, reconhecem a influência significativa das novas tecnologias de informação na memória e na sociedade. Le Goff (2003) enfatiza a importância da memória em períodos de rápidas transformações sociais, enquanto McLuhan (2007) aborda as mudanças psíquicas e sociais das inovações tecnológicas subsequentes.

É possível observar que os avanços tecnológicos trazem diversas formas de memorizar e diversos meios para o fazer, com aparatos que realizam essas tarefas que vão além das tradições memorialísticas da memória coletiva ou social, extrapolando-as ao máximo, não

podemos nos negar a tentar entender mais sobre esse novo meio e talvez essa nova forma de registrar memórias.

X (antigo Twitter), *Instagram*, *WhatsApp*, *TikTok, BeReal, Tumblr, Facebook* e tantas outras compõem assim os novos espaços da sociedade da informação, de circulação da informação e consequentemente da memória, são nesses espaços que usuários do mundo inteiro constroem, reconstroem e até mesmo destroem seus patrimônios pessoais e de sua pequena comunidade. Duarte e Frei (2008) vão além do nosso pensamento e afirmam que "[...] as redes não são apenas outra forma de estrutura, mas quase uma não estrutura, no sentido de que parte de sua força está na habilidade de se fazer e desfazer rapidamente". É a modernidade líquida[10] tomando forma neste espaço virtual e consequentemente mudando nossas relações com a informação/ memória.

À pós-modernidade e todas as suas mudanças trouxeram diversos conceitos que mudam as formas e os costumes. Essas mudanças vêm, e vêm depressa, sem pedir licença e sem parada. A sociedade da informação, a quantidade infinita de aplicativos que não param de crescer, o aumento significativo das inteligências artificiais (IA's) no dia a dia, são apenas alguns dos fatores que acreditamos terem transformado a memória e deixado as velhas formas de memorizar e de entender a memória para trás. Le Goff (2003, p. 467) já abordava esses desenvolvimentos em relação a memória e a tecnologia afirmando que, "os desenvolvimentos da memória no século XX, sobretudo depois de 1950, constituem uma verdadeira revolução da memória e a memória eletrônica não é senão um elemento, sem dúvida o mais espetacular".

Le Goff (2003) já reconhecia o nascimento de uma nova memória na perspectiva do ciberespaço e é dessa memória ou dessa nova forma de memorizar que precisamos tratar. É preciso reconhecer que os tempos modernos não estão mais, apenas, no filme do Chaplin[11] mas na nossa frente pelos computadores, na nossa mão pelos celulares, e até mesmo nos nossos rostos com os óculos de realidade virtual. Se não negamos a existência desse tal de

[10] O sociólogo Zygmunt Bauman cunhou o termo "sociedade líquida" para descrever a época atual, que também é referida como pós-modernidade por outros estudiosos das ciências sociais. A analogia com a fluidez e a volatilidade de um líquido reflete a ideia de Bauman de que a sociedade contemporânea é caracterizada por uma constante mutabilidade e instabilidade.

[11] Referência ao filme do Charlie Chaplin "Tempos Modernos" que retrata Chaplin empregado em uma linha de montagem. Lá, ele é submetido a tais indignidades como sendo forçado por uma "máquina de alimentação" avariada e uma linha de montagem acelerada onde ele parafusa uma taxa cada vez maior em peças de maquinaria.

“tempos modernos” é preciso reconhecer, também, os novos comportamentos da informação, da memória e, claro, os novos comportamentos do usuário.

É a partir desse contexto tecnológico e efêmero da memória no ciberespaço que pretendemos explorar a “memória eletrônica” citada por Le Goff. Não acreditamos que este nome se encaixe bem neste conceito cunhado pelo autor vanguardista, no entanto, o seu significado de uma memória com mnemotécnicas associadas a tecnologia faz uma conexão perfeita com o fenômeno da coleção de inutilidades, e é com o estudo desse fenômeno que pretendemos explorar tal tema e desenvolver assim nossas discussões. Os entendimentos de memória e suas mudanças ao longo do tempo vem a culminar na percepção dessa memória a partir das perspectivas dos seus novos aportes.

Com a complexidade da memória, é fácil se perder no mar de possibilidades que ela pode nos trazer, por isso entender seus fenômenos e analisá-los é essencial dentro das ciências sociais, acreditamos que buscando a compreensão da memória conseguimos entender os comportamentos da nossa sociedade. “No inferno órfico, o morto deve evitar a fonte do esquecimento, não deve beber no Lates, mas, pelo contrário, nutrir-se da fonte da Memória, que é uma fonte de imortalidade” (Le Goff, 2003, p. 438).

4.1 A Fotografia Vernacular no Ciberespaço: Memória e Identidade no Instagram

Seguindo essa necessidade de entendimento, exploraremos a fotografia vernacular como uma das manifestações mais visíveis e cotidianas dessa nova forma de uso da memória. Embora não tenhamos o objetivo de detalhar toda a evolução histórica dessas fotografias, vamos focar em como elas se comportam em plataformas como o Instagram. A decisão de deixar de lado parte da história dessas imagens é baseada na necessidade de compreender o fenômeno contemporâneo da fotografia vernacular no ciberespaço, permitindo que analisemos sua relevância na construção de identidades e memórias no mundo digital, assim podemos abordar o necessário para o entendimento do que será discutido em seguida.

A fotografia vernacular pode ser entendida como a fotografia de familia, sem compromisso com as “regras da fotografia”, Salazar (2015, p. 74) completa o entendimento ao explanar o conceito como

> Fotos vernaculares são de reminiscência individual e comunitária, um modo de compartilharmos experiências, histórias, passados. Outro propósito que nos moveria a continuar fazendo estas fotografias mesmo sabendo que são parecidas com milhares de outras imagens, segunda Harrison, é cultivarmos fragmentos visuais de nossas vidas para comunicarmos quem somos, e de

> onde viemos, ou seja, a fotografia e também seria uma ferramenta para firmarmos uma identidade individual ou familiar..

A autora complementando o conceito também explana que essas fotografias não são apenas a repetição de algo que já foi feito, mas é o registro da singularidade do cotidiano de cada um. Essas fotografias vernaculares criam a identidade a partir do fragmento do banal montando aos poucos uma linha do tempo de diferentes momento de uma vida inteira uma coleção que influência na história de um indivíduo de sua família, de seu grupo social e inclusive pode ser um objeto de estudo dependendo da figura que construiu essa coleção. Com isso levantamos aqui a pergunta "coleção de inutilidades pra quem?"

Salazar traz como referência os pensamentos de Stewart (2007), que explora a vida cotidiana e como ela ocupa grande parte de nossas capacidades, mas em sua grandiosidade, cria também uma "série de coisinhas" para sempre prestarmos atenção. De algumas delas criamos sensações estáticas repletas de movimentos vibratórios, ressonâncias, que estremecem a estabilidade da rotina, desdobrando-se em algo ainda sem nome, mas que para nós essas ressonâncias são a coleção de inutilidade.

Abraçamos aqui a "inutilidade" fazemos isso por entender que de inútil elas não tem nada, o único traço de inutilidade é o pensamento negacionista da importância dessas memórias. Dito isso, é importante discutir o comportamento da fotografia vernacular nesse universo instagramável:

> Não há mais apenas fotos de aniversário, encontros familiares, viagens, momentos escolhidos a dedo para tomarem espaço nos rolos de filmes a serem revelados; o álbum de fotografia agora virtual, se enche também de imagens de percepções, que focam em detalhes da vida trivial. [...] No instagram ,por exemplo, é fácil nos depararmos com esse tipo de imagem, das pequenas coisas da vida, com imagens de objetos, paisagens e de locais que os usuários consideram interessantes e destacáveis da rotina (Salazar, 2015, p. 32).

Manuela Salazar (2015) traduz em suas palavras a transição das fotografias vernaculares dos conhecidos álbuns de família para o ciberespaço, para o *Instagram* . Acreditamos que nesse espaço as coleções de inutilidades ganham, assim como as fotografias vernaculares que o compõem, novas formas e principalmente um maior alcance.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa é alicerçada em uma revisão bibliográfica, visando estabelecer um panorama abrangente da literatura existente sobre memória e a hipótese da coleção de inutilidades no *Instagram*. Segundo Michel (2015), a revisão bibliográfica não é apenas uma etapa, mas um pilar que conecta a investigação aos trabalhos anteriores, definindo com clareza os objetivos da pesquisa. Portanto, a utilização de citações diretas e indiretas é fundamental para fortalecer a validade e a relevância desta pesquisa.

O cerne deste estudo é a análise da conexão entre a coleção de inutilidades e criação das identidades contemporâneas, especificamente no *Instagram*. A investigação busca compreender como as postagens e coleções no *Instagram*, tratadas sob a perspectiva da Ciência da Informação, contribuem para a formação e preservação de novas memórias.

5.1 Abordagens da Pesquisa

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, que conforme Gil (2008), envolve a coleta e análise de dados descritivos, não se limitando a números ou estatísticas. Em vez disso, busca-se compreender as relações, os contextos e as perspectivas dos sujeitos por meio de observações, entrevistas, análise de documentos, entre outras técnicas. Utilizamos dessa abordagem na nossa pesquisa por acreditar que a memória quanto tema principal desta pesquisa, é um fenômeno social que não consegue ser expresso por meio de estudos quantitativos, cujos pressupostos são mais objetivos e gerais.

Tratando-se de uma pesquisa exploratória, o estudo visa investigar um fenômeno relativamente novo e pouco explorado: a coleção de inutilidades no *Instagram.* De acordo com Gil (2008), esse tipo de pesquisa tem como objetivo proporcionar mais familiaridade com o problema, tornando-o mais explícito dentro e fora da literatura. A investigação buscará entender quais objetos informacionais, dentro do contexto da nossa pesquisa são as fotografias que compõem a coleção de inutilidades no *Instagram*, explorando suas implicações para a memória e identidade.

Esta pesquisa é também de natureza bibliográfica. Ela foi desenvolvida com base em materiais previamente elaborados, como artigos científicos e livros, consultando bases de dados como o portal da CAPES, SCOPUS e BRAPCI.

A escolha dessas bases de dados foi feita considerando a quantidade e relevância dos documentos recuperados. A busca foi realizada utilizando operadores booleanos com termos como "Memória", "Patrimônio Cultural", "Informação Digital", "Memória AND Identidade",

"Patrimônio Digital", "Mídias Sociais AND Memória" e "Instagram AND Usabilidade". A coleta de dados foi realizada entre maio e outubro de 2023, seguindo um processo metódico e estruturado, utilizando descritores em português e inglês, a busca foi refinada para garantir a precisão e amplitude na recuperação de publicações. A seleção de estudos focou em áreas relevantes como Ciência da Informação, Biblioteconomia, Museologia e Comunicação.

Essa etapa foi crucial para alcançar os objetivos de examinar os estudos de memória dentro das ciências sociais e seu comportamento no espaço das mídias digitais.

5.2 Análises e Critérios

Para expandir o estudo descritivo, foram elaborados critérios para a seleção de imagens no Instagram. Para tal decidimos elaborar critérios de seleção dessas imagens para que não fossem escolhidas ao acaso, para encontrar essas imagens utilizamos da própria plataforma do *Instagram* utilizando a função explorar[12]. Contudo, ainda sim, o explorar precisa de um comando para achar as especificidades desejadas caso contrário apenas recuperaria as recomendações da plataforma para a minha conta, para evitar isso utilizamos de # (hashtag, ou, jogo da velha) que são comumente usadas quando um usuário quer que seu post tenha mais alcance. Ademais, precisávamos determinar a palavra-chave ideal a ser utilizada. Considerando que o *Instagram* possui suas próprias regras sociais e uma linguagem específica, era essencial identificar quais hashtags eram mais usadas para imagens cotidianas.

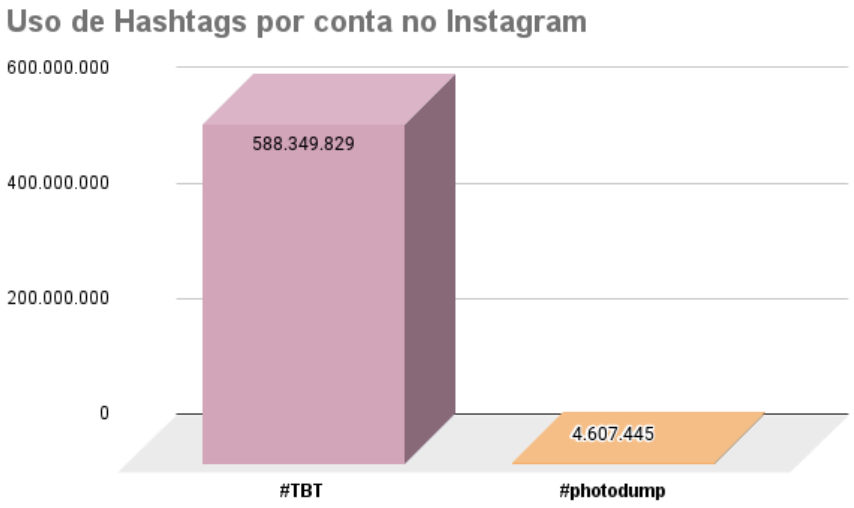
Posto isso, separamos 2 possíveis hashtag a #TBT que significa “Throwback Thursday” que em português é traduzido como “Quinta-feira do Retorno”. É uma das siglas geralmente usadas como hashtags pelos usuários para marcar publicações que sejam do passado, que deixaram saudades e que foram boas lembranças.

E a #photodump que significa "despejo de fotos”, segunda hashtag selecionada, é usada para uma coleção de imagens publicadas no *Instagram* como um álbum em carrossel, normalmente composta por quatro ou mais imagens ou vídeos. O conteúdo é geralmente não editado, não é especificamente selecionado e não é uniforme. Se encaixando perfeitamente com o que pretendemos analisar que são coleções de inutilidades formadas por fotografias vernaculares.

[12] O Explorar é uma superfície de descoberta em que o Instagram reúne conteúdo de toda a plataforma com base em uma variedade de fatores, como as contas que você segue, os vídeos e fotos que curte no Instagram e as pessoas com quem se conecta. É possível acessar o Explorar clicando no ícone de pesquisa na página inicial do Instagram.

Além disso, também fomos em busca da popularidade das *hashtags* no próprio instagram para determinar com precisão qual seria mais adequada para análise e encontramos o seguinte resultado coletado na data de 29 de julho de 2024:

Gráfico 3 - Uso de hashtags por conta no *Instagram.*



Fonte: dados da pesquisa (2024)

Apesar da grande diferença no número de uso entre as duas hashtags, a primeira não forneceu conteúdos satisfatórios para a pesquisa, enquanto a segunda apresentou resultados mais precisos. Por isso, escolhemos a segunda hashtag como foco da análise.

Com a hashtag escolhida realizamos a curadoria das imagens que contém na hashtag #photodump, durante o período de 13 de maio a 13 de julho de 2024. Para decidir quais imagens selecionar, utilizamos alguns critérios que serão apresentados a seguir como exemplos de coleções de inutilidades. O primeiro critério baseia-se na definição de Leila Ribeiro (2015) sobre o que é uma coleção de inutilidades. Segundo Ribeiro, é necessário escolher imagens que "[...] expressam a cotidianidade dos indivíduos". Além disso, consideramos o conceito de fotografias vernaculares de Salazar (2015), que define essas imagens como "[...] fragmentos visuais de nossas vidas para comunicarmos quem somos". Ou seja, selecionamos imagens simples que expressam o cotidiano dos indivíduos.

Além desses critérios, estabelecemos critérios de segurança para as imagens a serem apresentadas. Para desenvolver esses critérios de segurança, utilizamos o conhecimento estabelecido pela:

A. Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD) - Lei nº 13.709/2018

A LGPD regula o tratamento de dados pessoais, tanto no meio digital quanto no físico, visando proteger os direitos de liberdade e privacidade das pessoas. Alguns dos artigos relevantes são: Art. 5º, Inciso I: Define dados pessoais como "informação relacionada a pessoa natural identificada ou identificável".

B. Recomendações de Segurança na Internet - NIC.br

O Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br) oferece diversas recomendações para a segurança digital. Algumas das publicações relevantes são: Cartilha de Segurança para Internet que oferece orientações sobre a proteção de dados e privacidade online.

C. Regulamento Geral sobre a Proteção de Dados (GDPR) - União Europeia

O GDPR é uma regulamentação da União Europeia que estabelece diretrizes para a proteção de dados pessoais e privacidade.

Com o estudo desses documentos conseguimos montar o seguinte quadro:

Quadro 2 - critérios de segurança

ACEITÁVEL	INACEITÁVEL
Rostos cobertos;	Rostos amostra;
Comidas;	Imagens sexualizadas ou com exposição do corpo;
Paisagens;	Crianças[13]
Animais de estimação	entre outros
entre outros	

Fonte: dados da pesquisa (2024)

As recomendações, leis e regulamentos foram aplicados no quadro da seguinte forma: para os critérios **Aceitáveis,** como “rostos cobertos”, ele protege a identidade e a privacidade das pessoas, em conformidade com a LGPD e GDPR. Já os critérios de Comidas, Paisagens,

[13] Apesar das imagens recolhidas serem de contas abertas, vamos priorizar a privacidade dos usuários, em especial das crianças que não têm discernimento para autorizar ou negar o uso de sua imagem.

Animais de estimação e etc. São categorias geralmente não associadas a dados pessoais identificáveis, portanto, menos suscetíveis a riscos de privacidade. Para os critérios **Inaceitáveis** como “rostos à mostra”, este pode revelar a identidade das pessoas, necessitando de consentimento explícito conforme LGPD e GDPR, “imagens sexualizadas ou com exposição do corpo”, este viola a privacidade e dignidade das pessoas, além de se enquadrarem em conteúdos sensíveis que necessitam de tratamento especial segundo a legislação. “Crianças”, requerem consentimento específico dos responsáveis legais e tratamento cuidadoso, conforme Art. 14 da LGPD e Art. 8 do GDPR.

6 RESULTADOS

Os capítulos seguintes têm como objetivo analisar detalhadamente os objetos informacionais que constituem a coleção de inutilidades, bem como as imagens selecionadas. Essa análise abrangerá os aspectos teóricos, proporcionando uma compreensão aprofundada de como essas coleções de inutilidades contribuem para a construção de identidades plurais e compostas no contexto do *Instagram.*

6.1 A Ascensão das “Inutilidades” no Ciberespaço e Sua Influência na Construção de Identidade

A partir do que foi discutido até agora, é claro as mudanças constantes da memória e de suas mnemotécnicas. Brasileiro (2019) nos apresenta a ideia de que em tempos de Whatsapp, Facebook e *Instagram*, tais mídias sociais se constituem em espaços propícios à reconfiguração de novas práticas informacionais ritualizadas, de forma individual ou coletiva. Entendemos que dentro das novas práticas informacionais existe a memória e dentro dela surge, para nós, as coleções de inutilidades. Contudo, essas coleções já existiam de certa forma fora dos espaço das mídias sociais e, por isso, achamos importante buscar entendê-las dentro desse contexto. Diante desse cenário, reduzimos o escopo de pesquisa para uma área específica dos estudos de memória dando enfoque no registro online.

Na imagem 1 é possível observar um usuário do X (antigo twitter) apresentando sua coleção de inutilidades que apesar de estar em forma física foi gerada através das mídias sociais. O usuário apresenta uma imagem de um álbum de fotos com imagens comuns e explica: “Todo Natal, meu marido faz um livro de resenhas do ano com nossas fotos do WhatsApp. É meu presente favorito e é incrivelmente mundano”.

Imagem 1 - Álbum De Fotos Do Whatsapp

Fonte: https://x.com/katbrown/status/1739391318508326955?s=20

É possível perceber no álbum de fotos registrado acima que são imagens do dia a dia, apenas fotos que um casal, não só achou pertinente mostrar um ao outro, mas também eternizar essas imagens de alguma forma usando os álbuns de fotografia, Pierre Bourdieu *apud* Le Goff nos confirma esse aspecto da necessidade de registrar o individual o informal quando destaca:

> O álbum de família exprime a verdade da recordação social, [...] as imagens do passado dispostas em ordem cronológica, "ordem das estações" da memória, evocam e transmitem a recordação dos acontecimentos que merecem ser conservados porque o grupo vê um fator de unificação nos monumentos da sua unidade passada, ou o que é equivalente, porque retém do seu passado as confirmações da sua unidade presente (1965, p. 53-54).

É importante estar atento à palavra usada pelo próprio usuário da rede citada acima, "mundano" é algo banal, do dia a dia, é informal. De acordo com o Oxford Dictionary (2017) mundano é algo que caracteriza o mundo ("vida em sociedade") em seus aspectos convencionais e superficiais. Esse conceito do mundano se encaixa com bastante semelhança no que Ribeiro (2015) pretendia exemplificar com a coleção de inutilidade.

A autora busca trazer uma disrupção no significado de inutilidades, que para a nossa sociedade é algo ou alguém sem valor; aquilo que não serve para nada, expondo como temos utilizado da inutilidade numa perspectiva capitalista de valor. "Assim, se as coleções de inutilidades representassem um valor de trabalho ainda que de um pequeno grupo, é possível que elas passem a representar uma nova possibilidade de coleções de objetos 'úteis'[...]" (Ribeiro, 2015, p.133). A autora traz aqui a importância de reconhecer a utilidade das coisas sem o compromisso de servir as expectativas capitalistas, vamos além e asseguramos que estas coleções precisam ter apenas um valor de identidade para o indivíduo sendo suficiente para se caracterizar como útil.

É pensando nisso que pretendemos explorar e provar o valor contido nessas coleções de inutilidades garantindo seu valor e função útil como também sua proteção no espaço efêmero das mídias. Entendemos essas inutilidades como atividades informais, que não damos nada por elas, mas que vão aos poucos nos enchendo de memórias, de carinho e afeto. Para nós esse "registro do banal", que vai construir as coleções de inutilidades vai além do objeto informacional, ele gera no indivíduo, a nostalgia da vida, é a memória que vai guardar as informações que são queridas para nós.

Para além das palavras bonitas, é essa memória individual que vai representar "[...] as práticas de colecionamento que prescindem também de uma postura cidadã, de um reconhecimento do papel dos sujeitos históricos como colecionadores, publicizados e com questões que se fazem representar acerca dos objetos" (Ribeiro, 2015, p. 130). A autora entende e concorda com a nossa visão do indivíduo como um interventor ativo da vida cotidiana e por isso é preciso entender de que forma ele intervém nesse espaço social ou mais especificamente nesse ciberespaço.

6.2 Instagramáveis[14]: Uma Análise das imagens no Espaço do *Instagram*

[14] A palavra Instagramável surgiu em meados de 2018 e tem como significado: "propício para o Instagram " ou "ideal para o Instagram".

Para iniciarmos nossa discussão sobre as coleções de inutilidades dentro do espaço do *Instagram* precisamos estabelecer em primeira instância o entendimento de objetos informacionais e principalmente da imagem como um objeto informacional e como foco deste estudo, posto em vista que o *Instagram* (apesar das suas diversas possibilidades de registro) tem como foco as imagens.

É de consenso geral na Ciência da Informação que os objetos informacionais consistem em informações registradas em diversos formatos, como textos, imagens, gravações de áudio, mapas, páginas da web e outros tipos de suportes. Levando em conta que o *Instagram* tem como principal objetivo o registro de imagens, podemos afirmar, a partir do que entendemos como objeto informacional, que o *Instagram*, na era digital, se torna um suporte informacional de fácil e gratuito acesso para diversas pessoas tornando o fluxo de registros de imagens cada vez maior.

Com isso é necessário questionar "que tipo de imagens estão sendo registradas nesse novo suporte?" Apesar do mundo de possibilidades, de comunidades, de grupos entre outros que existe no *Instagram* e como cada um deles daria uma resposta diferente para tal pergunta, podemos nos utilizar das categorias criadas por Manovich (2017) em seu estudo sobre o *Instagram* em 2017. Para o autor o *Instagram* possui três tipos principais de imagens: as imagens casuais, as profissionais e as imagens planejadas[15]" Dentro dessas categorias o autor aponta em sua pesquisa que:

> [...] Fotos casuais representam 80%, fotos profissionais representam 11% e fotos de design representam 9%. [...] No centro de Londres, de onde coletamos as fotos, acreditamos que as proporções que encontramos não são irrelevantes. Isso motiva a necessidade de discutir esses diferentes tipos de fotos, em vez de tratar o Instagram como uma monocultura visual (Manovich, 2017, p. 50).

Em sua pesquisa Manovich (2017) retrata a importância dos estudos das diferentes culturas do *Instagram* e como ela vem criando diferentes identidades que são aplicadas também em nosso cotidiano. Para além disso, o autor destaca como o *Instagram* é uma plataforma única podendo ser considerada um desenvolvimento notável na história dos meios de comunicação modernos. Ela permite capturar, editar e publicar fotos, visualizar fotos de amigos, descobrir outras fotos por meio de buscas, interagir com elas (curtir, comentar,

[15] É importante ressaltar que, na obra original, Manovich (2017) chama essas "imagens planejadas" de *design photos*. O termo aqui aplicado é uma livre tradução feita a partir do entendimento da pesquisa do autor sobre as *design photos*, que são fotos feitas com o objetivo de se encaixar em uma estética específica. Essas imagens não têm apenas um uso banal, como as fotos casuais, mas também visam gerar mais engajamento para a conta de um determinado usuário.

repostar, postar em outras redes), iniciar conversas com os autores das fotos e outros que deixaram comentários, criar coleções de fotos, alterar sua ordem, entre outras funcionalidades, tudo a partir de um único dispositivo.

Ao entender a grande e forte presença do *Instagram* não só nas nossas vidas, mas como um suporte informacional, chega a ser obscurantismo daqueles que se negam a reconhecer o potencial desta plataforma e principalmente das imagens nelas postas. Pensando nisso e nos estudos realizados por Manovich (2017) vemos que a grande maioria das imagens registradas nesse espaço são imagens casuais e são essas imagens que pretendemos estudar adiante.

As imagens casuais citadas por Manovich (2017) são conhecidas como fotografias vernaculares dentro da área da comunicação. O próprio autor concorda com a semelhança ao explicar como as fotografias casuais seguem um conjunto diferente de convenções populares de criação de imagens, que definem o que vale a pena documentar e como diferentes sujeitos devem ser fotografados. Assim o autor reconhece que muitas dessas convenções têm origem na fotografia vernacular dos séculos XIX e XX.

Utilizamos o termo fotografia vernacular para expressar e explorar melhor as imagens contidas nas coleções de inutilidades no *Instagram*. Apesar do nosso objeto de estudo serem as coleções de inutilidades, estas são composta por diferentes objetos informacionais, contudo para esta pesquisa o objeto informacional que irá compor as coleções de inutilidades são as imagens postadas no *Instagram*, mais especificamente as chamadas por Manovich (2017) de imagens casuais, que dominam a plataforma. Essas imagens casuais são as já conhecidas como fotografias vernaculares e, por isso, utilizaremos deste termo para nos referir aos objetos imagéticos que compõem a coleção de inutilidades. Desta forma, se as fotografias vernaculares compõem a grande maioria das imagens do *Instagram* montando assim as coleções de inutilidades, nosso objeto de estudo, é de todo óbvio a exploração deste conceito.

A partir do que foi explorado nos capítulos acima em especial no subcapítulo que conceitualiza a fotografia vernacular é possível perceber que as coleções de inutilidades junto com as fotografias vernaculares se tornam as memórias do dia a dia, os registros pessoais e coletivos eternizados através da fotografia vernacular que é fotografado: a fachada da última casa que você morou com seus pais; o seu primeiro cachorro ou, até mesmo, sem perceber você pode ter tirado a sua última foto com a sua avó antes do falecimento dela.

Nesse contexto as redes sociais contribuem como um espaço livre e aberto para colecionar e registrar esses momentos tão ricos a memória, com suas funções intuitivas e uma acessibilidade fácil para todos que tem um celular e sabem usá-lo as redes sociais revolucionaram a forma de guardar memórias auxiliando assim na criação das diversas coleções de inutilidades.

As coleções de inutilidades são as nossas provas de vida, um grito social de “eu estive aqui”, as redes sociais influenciam obviamente no estilo dessas fotos e até pode tornar uma “obrigação” que essas memórias sejam publicadas, mas seja por vontade própria o por uma convenção social é inegável que o registros dessas memórias no espaço do *Instagram* é enorme e significativo. Levando em conta o que Salazar (2015) entende como as imagens contidas no *Instagram* , pretendemos analisar algumas imagens que compõem a coleção de inutilidades do *Instagram* e como essas focam em detalhes da vida trivial.

A partir desse parágrafo será feita a apresentação e análise das imagens selecionadas para essa pesquisa, acreditamos que essas imagens expõem e compõem a nossa argumentação sobre a criação de novas identidades e memórias a partir da coleção de inutilidades do *Instagram*.

Imagem 2 - Resultado das imagens encontradas com a #TBT

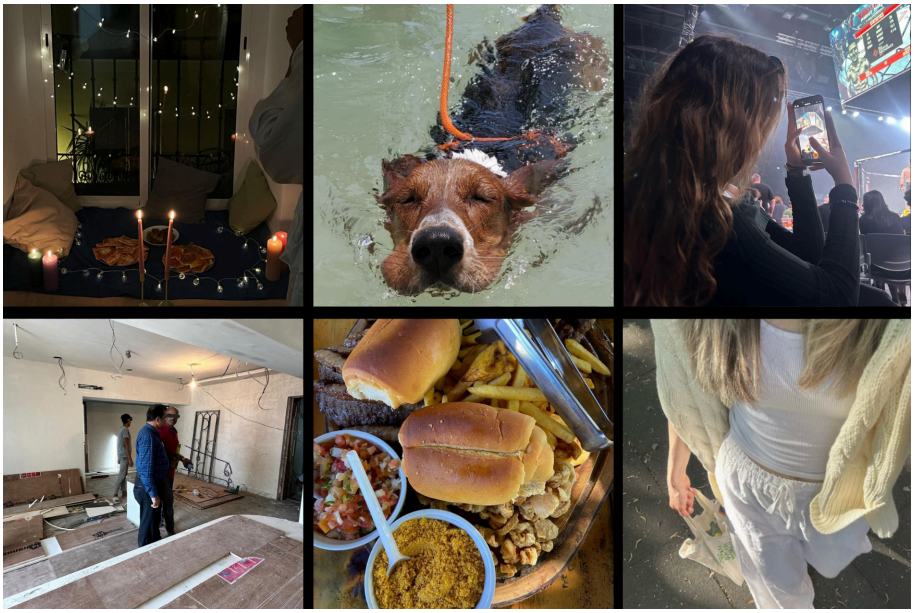
Fonte: dados da pesquisa (2024)

A imagem apresentada acima marca o mosaico de resultados que apareceu ao realizarmos a busca com a #TBT em sua maioria imagens confusas, memes, uma ou outra memória perdida. Percebemos que a hashtag que uma vez já foi popular e guardou muitas

memórias, hoje se perde no meio das milhares de informações contidas no Instagram, por isso não era possível analisar as coleções de forma completa e aprofundada no meio do ruído informacional.

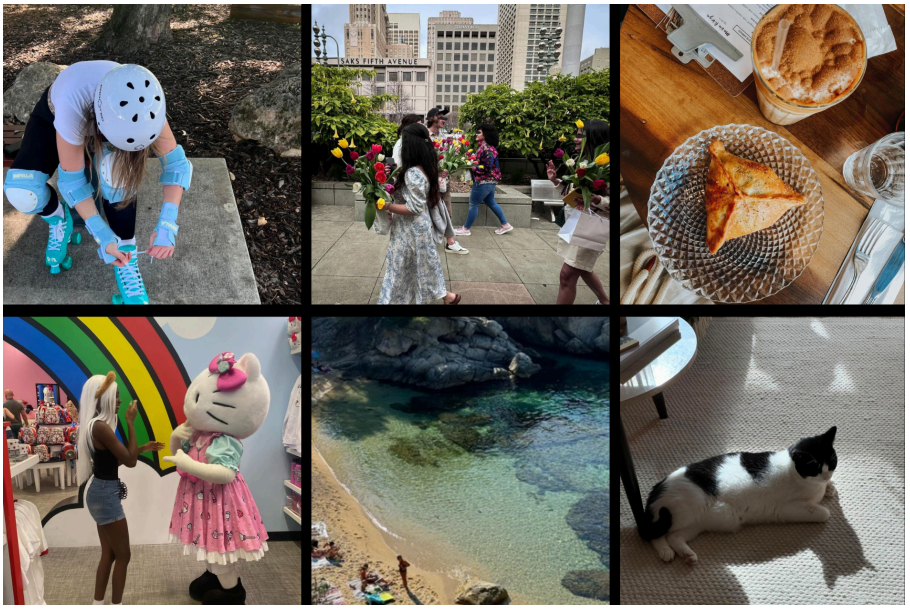
Com isso, buscamos novas imagens através da #photodump resultando na criação dos seguintes mosaicos, lembrando que o mosaico apresentado foi resultado da seleção a partir dos critérios já citados nos Procedimentos Metodológicos no subcapítulo 5.2 Análises e Critérios.

Imagem 3- Mosaico de imagens



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

Imagem 4 - Mosaico de imagens



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

Tanto a Imagem 3 como a Imagem 4 apresentam momentos significativos e corriqueiros para os usuários, todos eles contando histórias diferentes tanto de um indivíduo como de um grupo, afinal as imagens apesar de serem retiradas de diferentes contas, simulam o que seria um álbum de fotos, ou um perfil de um usuário específico. Mesmo sendo tiradas de identidades individuais elas são similares com o seu coletivo. Podemos trazer Candau (2011) para apoiar nosso argumento, o autor acredita que a identidade é "[…] uma construção social, de certa maneira sempre acontecendo no quadro de uma relação dialógica com o Outro". O Instagram possibilita essa relação de diálogo, por ser um espaço social com diversos usuários o diálogo ele existe a todo momento seja intencional como deixando um comentário em publicações , ou não, como apenas tomando inspirações em contas e imagens de terceiros.

As imagens apresentadas mostram memórias diferentes, podemos ver, não só traços de fotografia vernacular, mas principalmente de memória, para nós as fotografias vernaculares são, também, a captura de memórias e o registro dessas identidades. Elas estão recheando as coleções de inutilidades com o cotidiano é o registro da vida, mesmo que cada uma dessas fotografias sejam uma memória específica de indivíduos que nem sequer estejam conectados um ao outro as imagens nos lembram de momentos que nós mesmos já vivemos que já fotografamos, que já rememoramos.

Asseguramos que isso acontece porque as coleções de inutilidades são a construção de atividades da vida que nos são comuns, nossas experiências não são individuais e isso tem em si sua beleza, porque comprova mais uma vez a influência mútua tanto do indivíduo no meio quanto do meio para o indivíduo, criando assim nossos ambientes sociais. “As imagens que produzimos no cotidiano deixam de ser destinadas apenas aos álbuns familiares e passam a integrar a conversa cotidiana entre amigos, firmando laços, gerando diálogo” (Salazar, 2018 p. 77).

A fotografia vernacular é o registro da memória do eu, a coleção de inutilidades é a tentativa de um indivíduo ou grupo de pessoas de salvar essas memórias já que ninguém mais está tentando salvá-las por serem… “inúteis”. É nessa tentativa desesperada de fugir da efemeridade que diferentes usuários fazem uso do que se tem a mão, no caso o *Instagram* “Um perfil do *Instagram* pode funcionar, por exemplo, como uma declaração autobiográfica, um testamento, um arquivo, um documento, uma peça de ficção” (Salazar, 2018).

Essa tentativa desesperada de guardar essas memórias pode ser eficaz por um curto período de tempo, já que, assim como as memórias essas plataformas também são extremamente efêmeras e podem simplesmente acabar e levar junto com elas para o poço do esquecimento as nossas memórias e as nossas identidades.

Dito isso precisamos entender como essas coleções de inutilidades criam identidades e porque essas devem ser patrimonializadas e dessa forma se tornarem as coleções de utilidades ou as coleções de identidades.

6.3 A Coleção de Identidades

"Uma Rua em Roma" de Patrick Modiano é um livro de mistério que segue Guy Roland, um detetive particular que sofre de amnésia. Ele tenta reconstruir sua identidade e passado, perdido há mais de uma década. Através de uma investigação que começa com um simples endereço em Roma, Guy desenterra fragmentos de sua vida passada aos poucos se utilizando principalmente de recursos imagéticos, como as fotografias, e se apoiando na memória do Outro sobre as situações, encontrando, assim, personagens e lugares que o ajudam a montar o quebra-cabeça de sua existência. A narrativa é uma exploração profunda da memória, identidade e a busca de si mesmo em meio ao esquecimento e às sombras do passado.

Acreditamos que o livro citado é um excelente exemplo da importância da memória na construção do Eu, da identidade, e principalmente como as imagens fazem parte dela. Na obra "Identidade e Memória" do Candau (2011) o autor explana dois conceitos de memória, a Memória de Alto Nível e Metamemória, entendendo essas memórias em um nível individual acreditamos que a relação entre a memória de alto nível (memória detalhada e consciente) e a metamemória (conhecimento sobre nossos processos de memória), apresentada por Candau (2011), pode ser exemplificada pela fotografia.

A fotografia serve como uma extensão artificial da memória de alto nível, materializando lembranças específicas. Contudo, ao materializar essas lembranças, criamos representações contextualizadas que ligam nossa memória consciente (alto nível) à forma como compreendemos e organizamos essas lembranças (metamemória).

Ou seja, apesar da fotografia ser uma ótima representação da memória ela ainda sim não passa de uma representação do que já aconteceu. Por mais que o indivíduo tente recriar exatamente o que aconteceu, esse não será possível de forma individual, mas talvez possa ser reconstruído através da comunidade que também lembra. A fotografia é o resgate contextualizado da memória. Segundo Joan Fontcuberta (1997, p. 58) "Fotografamos sempre para nos lembrarmos do que fotografámos, para salvaguardar a experiência da precária fiabilidade da memória."

Além da lembrança, todos os aportes de memórias que temos são tentativas de guardar nossas memórias e salvaguardá-las da experiência inevitável do esquecimento. Mas se o esquecimento é inevitável para que salvaguardar? Podemos responder a pergunta retomando as questões levantadas no livro citado no início deste subcapítulo. Sem a guarda dessas lembranças ou das pessoas que ainda estavam vivas e sãs para contar a memória e recriar a vida do personagem principal esse nunca teria descoberto sua identidade, a busca memorial, segundo Candau (2011) é então considerada como uma resposta às identidades sofredoras e frágeis que permitiria "apoiar um futuro incerto em um passado reconhecível".

É preciso salvaguardar a memória para muito além do patrimônio mas principalmente para as identidades tanto de indivíduos como de grupos. Acreditamos que a fotografia é um dos principais aportes de memórias desde sua criação, dentro das possibilidades desse registro, mesmo que apenas representativo e contextualizado do passado, ele permite que as memórias sejam mantidas e possam ser revisitadas na busca pela identidade. "É a partir do ato de fotografar, que envolve o congelamento de um momento vivido, que os fotógrafos acionam

um processo de rememoração. A fotografia, então, passa a ser um suporte da memória, atuando como auxiliar do fotógrafo e daqueles que observam as imagens.” (Etcheverry; Fri; Nery, 2014 p. 141)

Para além de um suporte de memória a fotografia, tanto seu aparelho, as máquinas fotográficas, como seu resultado, as imagens reveladas, são um suporte de identidade “[...] o uso que fazemos das diversas fotografias que tiramos ao longo de nossas vidas. Elas servem para que a gente se reveja, e que lembranças daqueles momentos vividos presentifiquem-se, a partir de um processo de rememoração” (Etcheverry; Fri; Nery, 2014 p. 145). Vai além de apenas uma máquina, ou apenas uma imagem é o registro do que somos e o que fazemos.

Candau (2011) apresenta a memória não como um simples armazenamento de informações, mas como um conjunto de estratégias e ações que moldam nossa percepção do presente. Ele sugere que a memória é mais sobre como usamos lembranças e contextos para dar sentido ao nosso "estar aqui" do que sobre o conteúdo específico das lembranças em si. Ou seja, o autor conecta o vínculo entre a memória e identidade como uma corrente espiralada que percorre a vida dos indivíduos como um todo. Contribuímos com a informação e acrescentamos que o suporte desse vínculo são as imagens, registrando não só o momento de memória, mas também garantindo o espaço de recuperação e criação da identidade.

No contexto do ciberespaço como foi estudado no capítulo anterior, as configurações sociais funcionam de maneiras bem similar a que já reconhecemos, contudo com mais força as ações nesse espaço tomam proporções maiores e mais rápidas. Dito isso, é preciso reconhecer o *Instagram* como o novo espaço da imagem e da fotografia no ciberespaço é possível encontrar todos os tipos de imagens que vão representar grupos e indivíduos diferentes, um dos maiores estudiosos do ambiente virtual na área de comunicação Manovich (2017, p. 17) já nos elucidava essas características do *Instagram*

> [...] podemos identificar equivalentes de fotografia amadora, instantânea, profissional, publicitária, de retrato, de moda, de produto e outros tipos de fotografia no Instagram, além de novas estéticas e novos temas específicos da fotografia móvel. As pessoas olham as fotos em seus telefones sozinhas ou juntas com um amigo, ou com um namorado ou namorada (o que é uma forma popular de os jovens passarem o tempo em um encontro, especialmente na Ásia), ou em um grande grupo em uma festa ou evento da empresa com fotos projetadas em uma tela grande, etc. [...] Esse comportamento de compartilhamento não tem equivalente histórico direto na história da mídia, pelo que posso ver. .

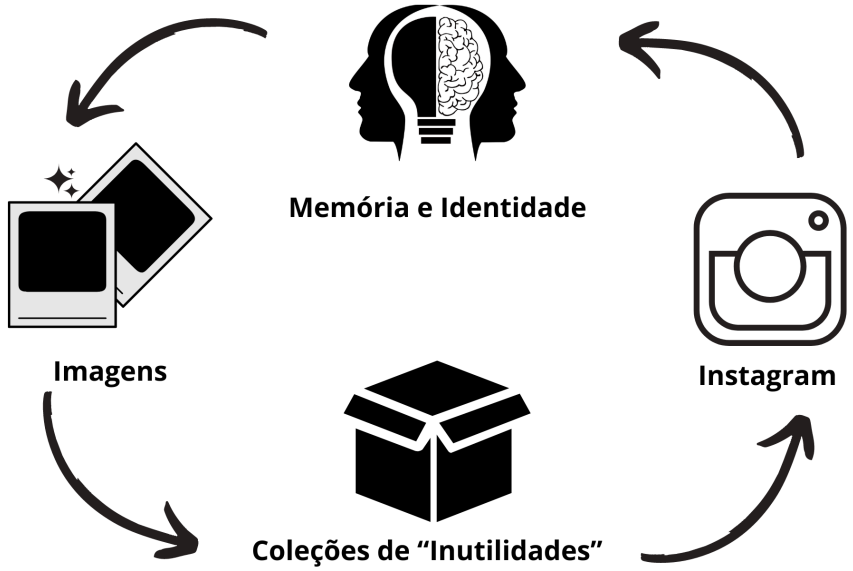
Como já foi explanado anteriormente, compreendemos as imagens fotográficas como uma extensão da memória e consequentemente da identidade. Logo, se o instagram é o novo

espaço das imagens como apresentado acima, este também tem enorme potencial para ser o novo espaço das identidades. Contudo, as imagens são apenas o objeto informacional de algo maior, das então chamadas por nós de coleção de inutilidades.

Esclarecendo, ao compreendermos as imagens como suporte da memória e da identidade, reconhecemos que essas imagens compõem a vasta coleção de itens aparentemente "inúteis" que povoam o espaço virtual do *Instagram.* Este espaço digital, portanto, desempenha um papel crucial na criação e construção de identidades, moldando como as pessoas se veem e são vistas pelos outros. As imagens compartilhadas não apenas documentam momentos, mas também contribuem para a narrativa contínua da vida e da personalidade dos usuários, transformando o *Instagram* em um palco dinâmico para a expressão pessoal e o novo espaço de criação de identidades.

Na imagem abaixo representamos imageticamente o que descrevemos acima, acreditamos que esse é o novo fluxo da memória e identidade a partir das novas dinâmicas do *Instagram*:

Imagem 5 - Fluxo da Identidade no *Instagram*



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

Candau (2011) já abordava inclusive sobre o tema das novas memórias e consequentemente novas identidades e reforça "As memórias contemporâneas seriam mosaicos sem unidade, feitas de fragmentos das grandes memórias organizadoras que foram despedaçadas, de pedaços compostos, restos divergentes, traços heterogêneos, testemunhos

opostos, vestígios incoerentes", dessa forma construindo assim um novo sentido de identidade.

As antigas passagens da memória que foram citadas no início desta monografia não deixam de existir, assim como a memória oral e a memória escrita podem existir em uma mesma cultura, essa nova forma de registro e construção de identidade também pode coexistir em conjunto com outras formas de registro da memória. O objetivo é apenas reconhecer as novas possibilidades, estudá-las para dessa forma compreendermos mais a fundo as teias complexas da memória.

Acreditamos que ao buscar legitimar as coleções de inutilidades também legitimamos as novas formas de registro do ciberespaço, aqui representado pelo *Instagram,* mas podendo acontecer também em outros ciberespaços. Essa legitimidade dessa nova forma de registrar memória e criar identidades é fundamental para sua preservação, como já citado em parágrafos anteriores Dodebei(2015) acredita que ao representar um objeto informacional garantimos sua proteção contra o perigo da perda, assim como sua autenticidade.

Acreditamos que a lógica da autora é essencial quando falamos de ciberespaço e em especial das coleções de inutilidades que são formadas por objetos informacionais pouco estudados pela ciência da informação, as imagens, portanto acreditamos que o estudo das coleções é imprescindível quando falamos dos novos tipos de registros. Se esses novos registros estão criando identidade é preciso reconhecê-los como meios válidos de registro de memória para desta forma assegurar sua autenticidade por meio da patrimonialização de determinadas coleções.

Dito isso, gostaríamos de acrescentar que a nossa compreensão sobre a coleção da inutilidades acrescenta de certa forma ao debate da patrimonialização e dá novas formas de memória e identidade, contudo talvez essas não sejam as coleções de inutilidades, apesar da Leila Ribeiro (2015) ter cunhado o termo com precisão em sua pesquisa, no contexto desta monografia não existem coleções de "inutilidades", mas sim, **coleções de identidades**, que estão a todo momento sendo moldadas pelos usuários desse espaço tão efêmero quanto suas memórias. "Uma vez que hoje as memórias e metamemórias são plurais e compostas, e por vezes fragmentadas, vão originar identidades que também serão múltiplas" (Candau 2011).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada buscou por fim responder a principal questão desta monografia: "Como as coleções de inutilidades no *Instagram* contribuem para a construção das novas formas de memória e registro?" Ao analisar o comportamento das coleções de inutilidades através das imagens e refletindo a partir dos entendimentos de identidade, fotografia vernacular e, claro, memória, acreditamos que foi possível responder a pergunta de partida deste trabalho.

As coleções de inutilidades (já estabelecidas como coleções de identidades) no contexto do *Instagram* contribuem com as novas formas de memória e registro ao possibilitarem um novo espaço e uma nova leitura das imagens registradas pelo indivíduo. Ao compreender as fotografias vernaculares como memórias que estão compondo as coleções de identidades, reconhecemos a influência do indivíduo no todo e sua importância para a construção de identidade individual e social.

Ao entendermos, através de Candau (2011) e outros estudiosos aqui aplicados, às formas de memória entendemos que se existe identidade existe memória e se existe memória tal objeto é passivo de preservação. Acreditamos que esse entendimento contribui para entendermos as novas formas e possibilidades de memória e seus registros no ciberespaço. Ao estudarmos um objeto pouco valorizado como as coleções de identidade em um ambiente banal como o *Instagram,* saímos dos tradicionais espaços de memória e somos forçados a pensá-los de uma nova forma.

Com isso contribuímos para os novos estudos dos espaços de memória e dos entendimentos de identidade dentro da área de ciência da informação, acreditamos também trazer uma nova perspectiva para os estudos da área ao nos apropriarmos dos estudos de fotografias vernaculares, comumente realizados pela comunicação, ao estudar o conceito e aplicá-los ao estudos da informação ressaltamos a interdisciplinaridade necessária para a área de ciência da informação e das ciências sociais como um todo.

Contudo, a pesquisa possui limitações, sendo algumas delas, explicar o conceito contemporâneo de Memória Informal no contexto do Instagram, a partir do uso das redes sociais, e como as suas dinâmicas impactam no conceito de patrimônio. a monografia exige um cronograma a ser seguido, e devido aos prazos apertados e o desejo de abordar o tema da memória informal de forma completa analisando suas diversas nuances, filtrar seus graus e linhas de pensamentos, escolhemos delimitar o universo das memórias informais e explorar o

fenômeno das coleções de “inutilidades”, que também está correlacionado às memórias informais, entendemos que esta memória tem como objetivo registrar o banal dentro do ambiente virtual, ganhando valor simbólico a partir da aprovação do indivíduo e seu grupo pertencente ao ciberespaço a qual foi registrada. Este tipo de memória reside no ambiente das mídias, em especial do Instagram. Portanto, pretendemos explorar em outros trabalhos o conceito de memória informal, permitindo dessa forma a análise ampla e, possivelmente, completa das diferentes nuances do conceito de memória informal.

A segunda limitação da pesquisa e insere na contextualidade temporal, com a efemeridade inerente aos ciberespaços o tipo de conteúdo que os usuários consideram como "inutilidade" pode mudar drasticamente em curtos períodos, impactando a relevância e a aplicabilidade dos resultados obtidos. Apesar disso, é importante salientar que essas dificuldades não impediram os resultados desta pesquisa nem invalidam as avaliações aqui postas.

Por isso, se torna necessário os estudos constantes dentro dos desdobramentos possíveis desta pesquisa, para que os resultados possam sim, ser colocados em questão. Acreditamos ainda que é possível explorar mais esses resultados principalmente no que tange aos novos espaços de memórias, as coleções de identidades e as fotografias vernaculares. Com base nisso, acreditamos que estes assuntos são uma obra em constante construção que pode e deve possuir mais pesquisas futuras.

Portanto, o estudo aqui realizado contribui para os novos estudos de memória apresentando novas perspectivas e questionamentos ao compreender a existência das coleções de inutilidades e sua transformação nas coleções de identidades questionando as lógicas de valor dentro dos estudos de memória pondo em questão suas formas.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.

BOURDIEU, P. **Sociologia geral**: lutas de classificação – curso no Collège de France (1981-1982). Petrópolis: Vozes, 2020. v. 1.

BRASIL. Lei nº 13.709, de 14 de agosto de 2018. Dispõe sobre a proteção de dados pessoais e altera a Lei nº 12.965, de 23 de abril de 2014 (Marco Civil da Internet). **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano 155, n. 157, p. 1-3, 15 ago. 2018. Disponível em: https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-13.709-de-14-de-agosto-de-2018-176580388. Acesso em: 29 jul. 2024.

CANNELLI, B.; MUSSO, M. Social media as part of personal digital archives: exploring users practices and service providers policies regarding the preservation of digital memories. **Archival Science**, [s. *l*.], v. 22, n. 2, p. 259-283, 24 jan. 2022. Springer Science and Business Media LLC. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1007/s10502-021-09379-8. Acesso em: 16 abr. 2024.

CANDAU, J. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

CARVALHO, L. M.; CARVALHO, M. M. O registro da memória através dos diários virtuais: o caso dos blogs. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia,** v. 1, n. 1, 2006. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/111. Acesso em: 25 mar. 2024.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. Cartilha de Segurança para Internet. São Paulo: CGI.br, 2024. Disponível em: https://cartilha.cert.br/. Acesso em: 29 jul. 2024.

CAVALCANTE, L. E. Patrimônio digital e informação: política, cultura e diversidade. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, n. 23, v. 12, p. 152-170, 2007a. Disponível em: https://brapci.inf.br/index.php/res/v/38763 Acesso em: 27 fev. 2023.

DODEBEI, V. L.; GOUVEIA, I. Memória do futuro no ciberespaço : entre lembrar e esquecer. **DataGramaZero**, v. 9, n. 5, 2008. Disponível em: http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/6345. Acesso em: 23 mar. 2023.

DICIONÁRIO Michaelis online. São Paulo: Melhoramentos, 2008. Disponível em: https://michaelis.uol.com.br/. Acesso em: 01 abr. 2024.

DUARTE, F.; FREI, K. Redes urbanas. In: DUARTE, Fábio; QUANDT, Carlos; SOUZA, Queila. **O tempo das redes.** [S.l.]: Editora Perspectiva, 2008.

ETCHEVERRY, C. M; FRIO, B. R; NERY, O. S. A questão da memória nos fotógrafos ficcionais de Italo Calvino, Adolfo Bioy Casares e Julio Cortázar. **Discursos Fotográficos**, Londrina, v. 10, n. 17, p. 139-162, dez. 2014. Anual. Disponível em: https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/issue/view/1055. Acesso em: 17 jun. 2024.

FONTCUBERTA, J. **El beso de Judas: fotografía y verdad.** Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1997.

FREUD, S. **Carta 52 (1896)**. In:ESB.Rio de Janeiro: Imago, 1976, vol.1. Psicologia das massas e análise do eu (1921). In:ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1976, vol.18

GALINDO, M. Preservação digital e políticas públicas: uma jornada para o futuro. **Programa de Formação em Preservação Digital da Rede Cariniana**, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), 2022. Disponível em: https://cariniana.ibict.br/?page_id=1735. Acesso em: 14 ago, 2024.

GIL, A. C. (2008). **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** Editora Atlas.

GONDAR, J. **Educação patrimonial e memória: a constituição do patrimônio cultural local.** Rio de Janeiro: Garamond, 2015.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 2006.

HUYSSEN, A. **Seduzidos pela memória.** Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

JANET, P. **Os transtornos da memória.** Tradução de Francisco Eugênio P. Filho. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1972.

LE GOFF, J. **História e Memória**. 5. ed. São Paulo: Editora da Unicamp, 1988.

LUVIZOTTO, C. K. **A disseminação da tradição e a preservação da memória coletiva na era digital │ the dissemination of tradition and the preservation of collective memory in the digital age.** DOI: 10.18617/liinc.v11i1.781 Acesso em: 05 Dez. 2023.

MANOVICH, L. **Instagram and Contemporary Image.** [S.l.]: [s.n.], 2017. Ebook. Disponível em: http://manovich.net/index.php/projects/instagram-and-contemporary-image. Acesso em: 19 jul. 2024.

MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensão do homem (understanding media).** São Paulo: Cultrix, 2007. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=wFvBeU1jVwIC&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false . Acesso em: 07 mar. 2024.

MICHEL. M. H. **Metodologia e Pesquisa científica em ciências sociais**: um guia prático para acompanhamento da disciplina e elaboração de trabalhos monográficos. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2015.

MODIANO, P. **Uma Rua em Roma.** São Paulo: Rocco, 2015.

MOLINA, J. L.; AGUIAR, C. **Redes sociales y antropología: discursos étnicos y redes personales entre jóvenes en Sarajevo.** In: LARREA KILLINGER, C.; ESTRADA, F. Antropología en un mundo en transformación.Barcelona: Servicio de Información, Universidad de Barcelona, 2004.

MODROW, S.; YOUNGMAN, T. Theorizing Cultural Heritage Informatics as the Intersection of Heritage, Memory, and Information. **Proceedings of the Association for Information Science and Technology**, v. 60, n. 1, p. 666–671, 1 out. 2023. Disponível em: https://asistdl-onlinelibrary-wiley.ez16.periodicos.capes.gov.br/doi/10.1002/pra2.836. Acesso em: 29 nov. 2023.

MONTESQUIEU, C. L. de S. **Cartas Persas**. Tradução de Sônia Moreira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MUNDANE. In: Oxford, Oxford Dictionary, 2017. Disponível em: https://www.oed.com/dictionary/mundane_adj?tab=factsheet#35479557. Acessado em: 06 mai. 2024.

NARRADORES de Javé. Direção: Eliane Caffé. Bananeira Filmes. Gameleira da Lapa: Riofilme, 2004. 1 DVD.

NORA, P. **Entre memória e história: a problemática dos lugares.** Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, n. 10. São Paulo, dez.-1993.

RIBEIRO, L.B. **Patrimoniando o desmanche: coleções de inutilidades como uma metáfora capitalista.** In: DODEBEI, V. (Org.). Memória e Novos Patrimônios. OpenEdition Press, 2015, p.14.

RICOEUR, P. **A memória, a história e o esquecimento.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007, p. 452.

RODRIGUES, G.; OLIVEIRA, E. B. de. Memória e esquecimento no mundo virtual: os mesmos fios tecendo uma nova trama? │ Memory and forgetting in the virtual world: the same thread weaving a new tapestry?. **Liinc em Revista,** [S. l.], v. 11, n. 1, 2015. DOI: 10.18617/liinc.v11i1.796. Disponível em: https://revista.ibict.br/liinc/article/view/3633. Acesso em: 25 mar. 2024.

SALAZAR, M. **Mundo Mosaico:** A estetização do cotidiano no instagram. 1. ed. Curitiba: Kotter Editora, 2015.

SANTOS, P. L. V. A. C.; CARVALHO, N. M. G. Sociedade da informação: avanços e retrocessos no acesso e no uso da informação. **Informação & Sociedade:** Estudos, v. 19, n. 1,

2009. Disponível em: http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/91340. Acesso em: 05 set. 2023.

A SOCIEDADE dos poetas mortos. Direção: Peter Weir. Hollywood: Touchstone Pictures, 1989.

UNESCO. Charter on the preservation of the digital heritage. In: Records of the General Conference (32). Paris, 2004, v. 1, p. 75-77. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000133171/PDF/133171eng.pdf.multi.page=80. Acesso em 27 mar. 2024.

UNIÃO EUROPEIA. Regulamento (UE) 2016/679 do Parlamento Europeu e do Conselho de 27 de abril de 2016 relativo à proteção das pessoas singulares no que diz respeito ao tratamento de dados pessoais e à livre circulação desses dados. Jornal Oficial da União Europeia, L 119, 4 maio 2016. Disponível em: https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/?uri=CELEX%3A32016R0679. Acesso em: 29 jul. 2024.

VELHINHO, A.; ALMEIDA, P. O Legado da Memória Coletiva na Cultura Digital: Digitalização, Mapeamento Cultural e Cocriação. **Comunicação e Sociedade**.

YATES, F. **The Art of Memory.** London: Routledge & Kegan Paul, 2007.